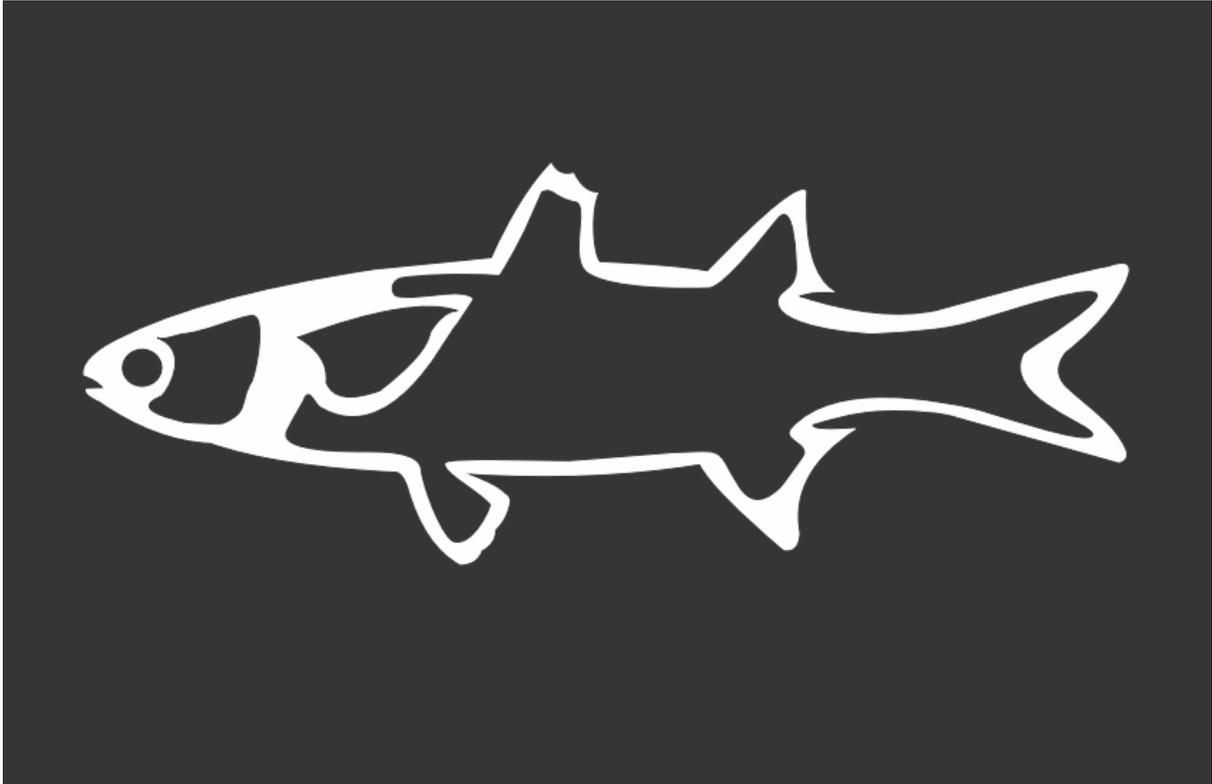


**APÊNDICE 01. CADERNO DE PESQUISA E INVESTIGAÇÃO
HISTÓRICA JANELAS DA MEMÓRIA**



Primeira Mostra de Arte Urbana de Balneário Camboriú: Janelas da Memória
Escrito por: Mariana Schilikmann e Murilo Trevizol

ANO 2021



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Introdução - Janelas da Memória

O Projeto Janelas da Memória teve início no ano de 2019, e desde lá vem realizando intervenções nas ruas do Bairro da Barra com intuito de valorizar e evidenciar aspectos da cultura local. O roteiro do Janelas da Memória, local que recebeu as obras da Primeira Mostra de Arte Urbana de Balneário Camboriú, é segmentado em 08 trechos e conta com aproximadamente 03 km de extensão ao longo do bairro. Ao todo são mais de 80 pontos de intervenções artísticas que colorem as ruas e o dia a dia dos moradores. O roteiro artístico-cultural foi mapeado e catalogado, sendo disponibilizado também em mapa digital gratuito.

A produção da mostra de arte, reúne 19 artistas que produziram mais de 20 obras no bairro com patrocínio da LIC através da Prefeitura e Fundação Cultural de Balneário Camboriú e contou com apoio de instituições como Coral Tintas e AkzoNobel, Embraed Empreendimentos, Promec/Camvel e Barbieri Litoral.

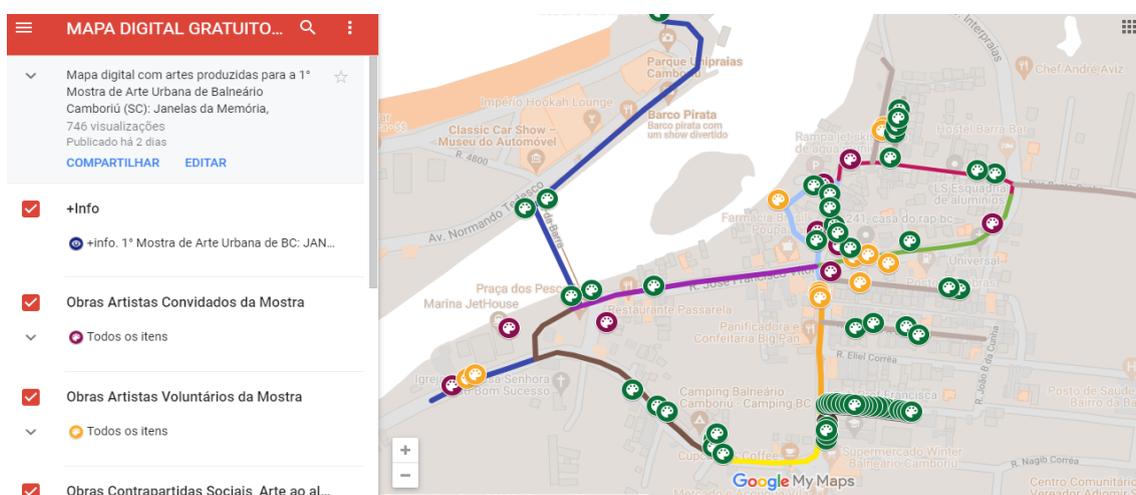


Figura 01. Mapa digital com as artes mapeadas no roteiro Janelas da Memória.

Fonte: Produção própria.

Agradecemos aos patrocinadores, fomentadores da política de incentivo cultural municipal, aos artistas, produtores, curadores de arte, historiadores, instituições apoiadoras e moradores do bairro que viabilizaram a produção deste conjunto artístico de acesso gratuito em ambiente urbano.



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Povos Originários - Por Mariana Schlickmann

A história de Balneário Camboriú é mais antiga do que a maioria das pessoas imagina, uma vez que possui cerca de quatro mil anos. A maior parte desses milhares de anos ainda é um mistério para os historiadores, arqueólogos, antropólogos e pesquisadores em geral. A única certeza é que quando os primeiros homens brancos e de origem portuguesa chegaram aqui, estas terras já eram habitadas. Portanto, não foram descobertas, somente colonizadas.

A) Populações Indígenas

Antes de falarmos dos povos indígenas em si, é importante problematizar o conceito de “índio”. Esta palavra não é bem-vista pelos próprios indígenas, uma vez que é uma palavra no singular, que reduz os mais de 300 povos e mais de 800 mil pessoas a uma coisa só.

As culturas indígenas são plurais e extremamente diversas, não cabem em uma só palavra. Portanto, devemos nos referir a eles como indígenas (no plural) ou como populações indígenas. Mas o mais adequado mesmo é fazer como fazemos com o resto do país e do mundo, os chamando pelo seu lugar de origem. Nós falamos dos itajaienses, navegantinos, catarinenses, cariocas, brasileiros, alemães, angolanos. Devemos nos referir a eles como Kaingang, Xokleng, Guarani, e assim por diante.

Na realidade, quando problematizamos a ideia de branquitude, vemos o hábito de somente racializar quem não é branco. Chamamos o “japonês”, o “negro”, o “índio”, mas nunca falamos de uma pessoa adjetivando-a de “branca”.

Voltando a Balneário Camboriú, aqui em nossa região do Vale do Itajaí também estiveram presentes por muitos séculos Tupi-Guarani, Carijós e Kaingang,¹ além dos Xokleng no Alto Vale. Usamos o verbo ter no passado, pois suas populações foram reduzidas drasticamente a partir do século XIX, devido aos embates com os europeus que para cá migraram, pelas políticas de branqueamento impostas pelo Estado e pela contração de doenças. Apesar da invisibilidade, essas populações ainda existem, resistem e lutam pela sobrevivência.²

¹ LAVINA, Rodrigo. Antes dos carijós – a tradição tupiguarani em Santa Catarina vista pela arqueologia. In: BRANCHER, Ana; AREND, Sílvia M. F. (org.). *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 27-59.

² Para saber mais sobre a História das Populações Indígenas na região: AREND, Sílvia M. F. (org.). *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: UFSC, 2004

É importante salientar que, durante o século XIX, ainda havia um vasto território não colonizado no Vale do Itajaí, o que possibilitava mobilidade destes vários grupos indígenas. Com o tempo e a chegada de milhares de europeus, mais núcleos coloniais surgiram. Enquanto os imigrantes comemoravam a almejada propriedade, os indígenas tinham o seu território de caça e coleta reduzido. O conflito se acirrou.



*Figura SEQ Figura * ARABIC 1: Indígenas capturados por bugreiros no Vale do Itajaí*

Bugreiros foram contratados para entrar na floresta e atacá-los. Os grupos, compostos geralmente por caboclos, eram pagos pelos agentes colonizadores, governantes provinciais e

imigrantes europeus. A justificativa era recorrente: oferecer segurança aos colonos e garantir o desenvolvimento da colonização.

Para que o progresso fosse o vencedor da história, dizia-se que era preciso combater os “bugres”. Os diferentes povos indígenas não eram reconhecidos pela sua etnia, mas por uma palavra genérica e preconceituosa que apaga o sujeito como pertencente a uma cultura específica. Enquanto os indígenas eram classificados de selvagens/incivis, os imigrantes europeus autodenominavam-se portadores da cultura/civilizados.

A noção de superioridade geralmente traz representações dicotômicas e desqualificadoras. Os indígenas eram percebidos como o inverso negativo de quem elabora a retórica da alteridade: civilizado/selvagem, moderno/atrasado, trabalhador sedentário/nômade vadio.³

É importante dizer que iniciativas de ataques ocorreram de ambos os lados. Não se trata de uma guerra do bem contra o mal, mas sim ações de sujeitos históricos distintos, numa conjuntura específica, com motivações diversas. São atitudes relacionadas à colonização, aos seus prejuízos e descobertas. Neste sentido, pode-se questionar as versões da vitimização - onde apenas o indígena aparece agredido - e da imigração - que o condena como “selvagem irracional e sanguinário” que tinha como escopo trucidar os colonos. Discursos como este não geraram apenas pensamentos, mas atos de força. Legitimaram agressões com apoio das companhias de colonização e do governo provincial e elevaram ao extermínio de milhares de indígenas.

Apesar das poucas informações, a presença de populações indígenas na região é tão latente, que começa pelo nome da cidade e os das cidades vizinhas (Itapema e Itajaí), todos com origem indígena.

Lino João Dell’Antonio, no livro “Nomes Indígenas dos Municípios Catarinenses: significados e origem”,⁴ traz uma análise detalhada da origem e significado do topônimo. Ele afirma que há diversas interpretações para essa denominação, como *rio que camba*, em alusão ao rio. Ou *seio grande em cima do morro*, em alusão ao formato dos morros que cercam a região. Entretanto, para o autor: “Camboriú é termo indígena e significa *rio com camboas*, em alusão às tapagens que se faziam para capturar peixes nas vazantes das marés (DELL’ANTONIO, 2009, p. 73).

³ . WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque*: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

⁴ DELL’ANTONIO, João Lino. *Nomes Indígenas dos Municípios Catarinenses: significados e origem*. Blumenau: Odorizzi, 2009.

A) Caiçara – Mistura dos Povos

Chamamos de caiçaras os habitantes tradicionais de nosso litoral, formados da miscigenação entre indígenas, brancos e afrodescendentes e que têm, em sua cultura, a pesca artesanal, a agricultura, a caça. Muitas práticas agrícolas (coivara) e de pesca (puçá), assim como a preparação de alimentos (farinha, peixe) apresentam marcante influência indígena.



Figura 2 075 - Pesca do Arrastão, década de 1950. Fonte: AHBC C.A.7397

B) Povos do Sambaqui

Sabemos que nossa cidade e toda a região foi o lar de homens do Sambaqui, como comprovam os 165 sepultamentos encontrados no sítio arqueológico escavado pelo Padre João Alfredo Rohr e sua equipe na década de 1970, na praia de Laranjeiras.



O Sambaqui consiste em um amontoado de conchas marinhas, medindo até 30 m de altura e até alguns quilômetros de comprimento. Pelo que sabemos, os Sambaquianos, que são da nossa espécie, *Homo sapiens sapiens*, não viviam continuamente num só mesmo lugar: eles se estabeleciam em pontos com grande quantidade de alimentação, isto é, com fartura de pesca e abundância de conchas, mariscos, berbigões, etc., como saídas de rios e proximidades de mangues. Os Sambaquianos pescavam muito, e com certeza possuíam redes e canoas. Não se sabe se eles eram muito bons na caça e no cultivo de plantas. Os Sambaquis também podiam ser pequenos, como morros ou morrinhos, e este espaço era também usado para que estes povos sepultarem seus mortos.



Há indícios de que eles viveram nas praias de Santa Catarina desde mais ou menos 6.000 até mais ou menos 2.000 anos atrás, não há vestígios de guerra e nem de epidemia. Os vestígios seguintes de ocupação do nosso litoral são de 1.050 anos atrás, quando chegam os Guarani. Provavelmente os dois povos nunca se encontraram.⁵

⁵ KLUEGER, Alice Urda. O povo das conchas. *Anais do XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Londrina, 2005.

C) Populações de origem africana

Desde os primeiros censos realizados na cidade, as populações de origem africana se fizeram presente entre pessoas escravizadas e livres. A mão de obra escrava foi utilizada nas plantações de fumo e café, mas em uma escala muito menor do que em outras regiões do país.

Entre os vestígios de sua presença, há a Comunidade Quilombola do Morro do Boi, O documento mais antigo que temos conhecimento que cita o Morro do Boi é uma carta do Presidente da Câmara de Porto Belo, em 1835. Entretanto, o primeiro registro de moradores habitando o local é de 1864, no inventário de João Machado Ayroso datado deste ano, que indica que ele possuía terras no Morro do Boi e dois cativos, Joaquina e Delfino.

Joaquina e Delfino tiveram 12 filhos e são os ancestrais que iniciaram a grande família que é a Comunidade Quilombola do Morro do Boi. Eles não eram caracterizados com um quilombo combativo, que abrigava pessoas escravizadas em fuga. O local era de passagem, a princípio, para quem ia de Tijucas a Camboriú e, aos poucos, alguns moradores foram se fixando ali. Atualmente, a comunidade tem cerca de 80 pessoas.



Figura 5: Comunidade Quilombola do Morro do Boi na frente da placa de entrada da Comunidade, em 2008. Fonte: Acervo de Mariana Schlickmann



D) Religiosidade

A Igreja Católica Apostólica Romana tem a presença mais antiga na cidade. O consenso popular afirma que a capela foi inaugurada em 1758. Entretanto, as fontes não comprovam a sua existência neste período. A primeira documentação sobre ela aparece somente no século seguinte, mais especificamente, na Lei Provincial de 28 de março 1840.

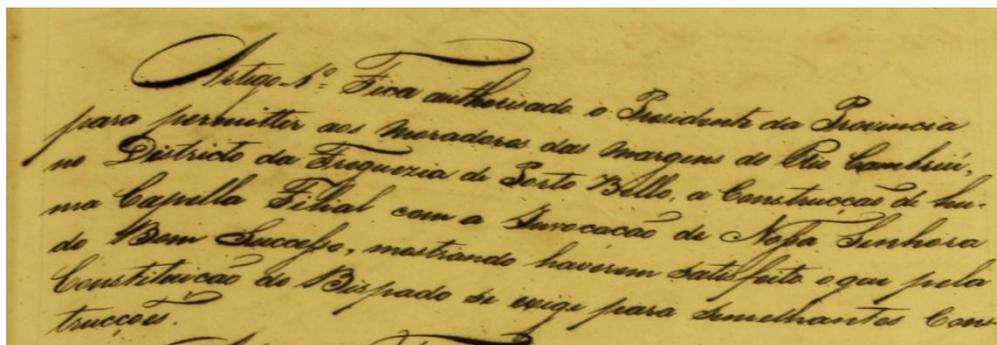


Figura 7 Lei Provincial 129 de 1840. Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Nessa primeira metade do século XIX, ela era uma capela filial, pois Camboriú pertencia à Freguesia de Porto Belo. Quando o Arraial de Camboriú se tornou Freguesia, em 1849, ela foi promovida a Igreja Matriz do Bom Sucesso. Camboriú tornou-se município em 5 de abril de 1884, com sede na Barra, porém, com o crescimento da população na chamada Vila dos Garcias, a sede municipal foi transferida para lá, em 1890. Alguns anos depois, a

igreja Matriz também mudou para este mesmo local. Neste momento, ela foi “rebaixada” à capela novamente e, na documentação oficial era chamada de Antiga Matriz, Capela da Barra ou de Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Em 1967, Balneário Camboriú ganhou sua própria Paróquia, a Santa Inês, e a capela da Barra passou para sua tutela, rebatizada com novo nome, Santo Amaro.



Figura 8: Igreja de Santo Amaro, 1949. Fonte: AHBC



Figura SEQ Figura * ARABIC 9: Capela de Santo Amaro – 1950. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

A capela está envolta em mitos populares e polêmicas, difundidos pela oralidade ao longo do tempo. Um destes mitos é que foi usado óleo de baleia no reboco das paredes da igreja. Essa informação amplamente divulgada é falsa, como mostra o relatório da análise de amostra de reboco, realizada pelo Laboratório de Materiais do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Fundação Catarinense de Cultura.⁶

Outra falsa alegoria é sobre o sino da capela. O dito popular afirma que ele foi rachado no período da abolição da escravatura. Supostamente, quando os escravos souberam da Lei Áurea, teriam soado o sino ininterruptamente até ele rachar. Estas informações são errôneas, pois o tipo de rachadura corresponde à provocada por queda. O sino ficava localizado em uma torre exterior, e as cordas que o prendiam ficavam expostas às intempéries, sujeitas à deterioração e ao rompimento.

No decorrer da década de 1950, outras religiões fincaram raízes na cidade de forma institucionalizada: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, o Espiritismo, o Luteranismo. Religiosidades de matriz africana como Candomblé e Umbanda, provavelmente também eram praticadas, mas dado ao preconceito, de forma mais clandestina

⁶ COSTA, Thiago Guimarães. *Relatório de análise de amostra de reboco*. Laboratório de Materiais do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Fundação Catarinense de Cultura, 18 de junho de 2014. Relatório disponível para consulta no Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

O Centro Espírita Casa de Jesus foi fundado em **4 de junho de 1954**, por **Erna Schmidt Leman**. Dona Erna era filha da Dona Inez Schmidt, dona do Praia Hotel. No dia 4 de junho de 1954, num rancho nos fundos da garagem do hotel, começou a atender pessoas em situação de vulnerabilidade social, lavar feridas, dar banho nas crianças, em concomitância com seu trabalho no Centro Espírita Anjo da Guarda, em Itajaí. A primeira noite de doutrina aconteceu no dia 19 de agosto de 1954. Entretanto, este trabalho começou a criar problemas com os hóspedes do Hotel. Deste modo, Dona Erna foi atrás de doações e apoio, e em um terreno no centro da cidade, no dia 19 de junho de 1958, inaugurou a sede do Centro Espírita Casa de Jesus.



Figura 10: Fotografia da primeira sede do Centro Espírita Casa de Jesus. Fonte: www.casadejesus.org.br

A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em Balneário Camboriú começou por meio de uma iniciativa da senhora Bertý Jensen, em 21 de junho de 1956. Os primeiros cultos foram celebrados na casa de Dona Bertý, e depois na sala da pequena casa de madeira que pertencia à Sociedade das Senhoras Evangélicas do Sínodo Evangélico de Santa Catarina. Com capacidade para apenas 20 pessoas, o espaço já não comportava as mais de 25 famílias luteranas residentes na Praia de Camboriú.

Assim, Dona Bertý iniciou uma campanha, que se estendeu por diversas cidades do Vale do Itajaí, para angariar fundos para a construção de uma capela, com capacidade para 100 pessoas. A capela, localizada na rua 2300, foi projetada por Paul Tesch e inaugurada em 22 de janeiro de 1961.

Com o crescimento da comunidade, o local, mesmo passando por uma ampliação em 1970, ficou pequeno. Em agosto de 1982, a prefeitura de Balneário Camboriú doou um terreno para a construção de uma nova igreja, que foi inaugurada em 5 de maio de 2002.



Figura 11: Capela da Confissão Luterana. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



A Igreja Evangélica Assembleia de Deus também tem uma história de tradição na cidade. Ela já estava presente em Camboriú, no bairro Cedro, desde 1948. Em 1958, foi inaugurada a primeira Igreja no Bairro da Barra, e no dia 13 de março de 1960, o Pastor José Martins Damasceno abriu mais um espaço para atender os fiéis, na atual Rua Noruega, no Bairro das Nações.

E) Brincadeiras - Boi de mamão

O Boi de Mamão é uma tradição típica do folclore catarinense, que ocorre nas festas de fim de ano. A brincadeira aborda um tema épico (a morte e ressurreição do boi). Apresenta a mímica das investidas do boi, a sua morte, a encenação da cura, envolvendo, os personagens do Mateus, Vaqueiro, Doutor, Urubu e finalmente, culmina com a ressurreição do boi. Os outros bichos (cavalinho e cabrinha) são confeccionados à semelhança do boi, junto com o Vaqueiro, Mestre Mateus, Doutor, Bernunça, Maricota, Cachorro, Urso-branco, Urso-preto e o Macaco são figuras obrigatórias no ritual do folguedo popular. A "cantoria" acompanha toda a apresentação cantando versos alusivos às figuras e à dramatização.

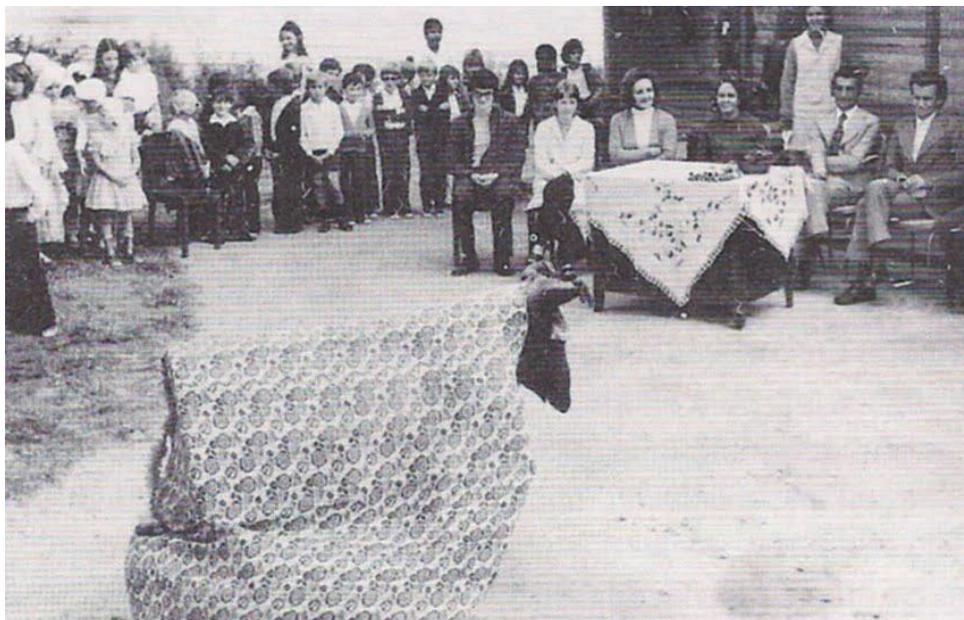


Figura 13: 2311 - Festa folclórica na Escola Isolada da Barra, ano de 1973. Fonte: AHBC



Figura 14 2312 - Folclore, Boi de Mamão, ano de 2006. Fonte: AHBC

F) Gírias populares e histórias.

Bucica = cadela, cachorra

Tendesse

Tax tolo

Visse

Vou te dizer pra ti

Vai reto toda a vida

Cambar = virar

Camaçada de pau = Uma surra

Istepô/estepô/istopô = Estupor

Ah...ah/eh... eh = Usado a toda hora, pra qualquer coisa.

Nego/nega

Bobiça = Algo sem importância.

Intizicar/inticar = provocar, incomodar

Encarangado: Se diz quando a pessoa está sentindo frio.

Estupriado: Quando a pessoa está toda arrebetada, machucada, cansada.

Se quex quex, se não quex diz

Zica = bicicleta

Histórias: histórias envolvendo bruxas e assombrações são típicas do imaginário da região. Além do que se chama de “história de pescador”, pois se tem o entendimento que os pescadores tradicionalmente inventam e aumentam suas os fatos de suas histórias de pescaria para torná-las mais interessantes.

G) Terno de Reis

Ocorre tradicionalmente com o Boi de Mamão, entre o Natal e o dia de Reis (6 de janeiro). O Terno de Reis possui origem portuguesa e são canções comemorativas entoadas geralmente por três homens (podendo ser em maior número), fazendo referência aos três reis magos que presentearam Jesus após seu nascimento. Eles percorrem o bairro a noite, parando na frente da casa das pessoas e cantando músicas com referências na história bíblica.

H) Nossa Senhora dos Navegantes

A padroeira dos pescadores é celebrada tradicionalmente no dia de 02 de fevereiro. Essa celebração católica ocorre há mais de 100 anos no Bairro da Barra. Tradicionalmente, após a missa, há a procissão e benção das embarcações, que são enfeitadas especialmente para o momento.



Figura 15 007 - Barco enfeitado para procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, Festa da Capela Sto. Amaro, Década de 1940. C.A.7086. Fonte: AHBC

D) Sítio Arqueológico

A presença dos homens do Sambaqui e das populações indígenas são registradas através dos sítios arqueológicos encontrados na cidade. 165 sepultamentos foram encontrados no sítio arqueológico escavado pelo Padre João Alfredo Rohr e sua equipe na década de 1970, na praia de Laranjeiras. Ali foi encontrado um tipo muito raro de ossada, hoje exposta no parque da Santur, de uma mulher grávida com o bebê perfeitamente conservado.

Sabe-se que havia ossadas na Ilha das Cabras, encontradas pelo seu único e emblemático morador, seu Marciano Cavalheiro. Porém, na Ilha, jamais ocorreu nenhum estudo arqueológico.



Figura 16 Ossadas encontradas nas escavações Sítio Arqueológico na Praia de Laranjeiras 1977 C.A.7663



Figura 17 Escavação do sítio arqueológico, 1977. Fonte: AHBC



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Do Arraial à Freguesia- Por Mariana Schlickmann

A) Relação com Vila dos Garcia/Recortes de transições dos limites territoriais - Porto Belo/Camboriú

Mesmo esse território já sendo habitado por indígenas e caiçaras. Oficialmente, a colonização de origem europeia começou nas redondezas com a distribuição das sesmarias, entre 1822 e 1823 para sete homens que passaram a habitar a área com suas famílias. Assim nasceu o Arraial do Bonsucesso, pertencente à Freguesia de Porto Belo.

Ao longo do século XIX, o Arraial do Bonsucesso, cresceu e virou uma Freguesia, em 26 de abril de 1849. Nesse período, já não pertencia mais a Porto Belo, mas sim a Itajaí. No dia 5 de abril de 1884, a Freguesia se desmembrou de Itajaí e foi elevada à categoria de Vila.



Figura 1 Foto a partir da Capela de Santo Amaro do centro da Freguesia de Bom Sucesso. A primeira construção deu lugar ao que hoje é a Casa Linhares. Aos 1940. Fonte: AHBC

No século XIX, o Brasil não era um Estado laico, e parte da administração pública ficava a cargo da Igreja Católica, como o registro cartoriais. Do mesmo modo, era a partir das demandas religiosas que um povoado, aos olhos da lei, crescia e ascendia. Por exemplo, quando uma localidade crescia a ponto de se tornar uma Vila, ganhava uma Igreja Matriz própria. Abaixo disso, somente capelas eram permitidas. Assim, a capela filial de Nossa

Senhora de Bom Sucesso, hoje conhecida como Capela de Santo Amaro, foi promovida a Igreja Matriz do Bom Sucesso.



Figura 2 Vista da Barra Sul a partir da Capela de Santo Amaro, década de 1940. Fonte: AHBC

A sede do município foi instalada em 15 de janeiro de 1885 no Bairro da Barra Porém, com o crescimento da população na chamada Vila dos Garcia, nas margens do Rio Pequeno, a sede municipal foi transferida para lá, em 1890. Alguns anos depois, a igreja Matriz também mudou para este mesmo local. O atual centro da cidade de Camboriú se constituiu ali



Figura 3 Centro de Camboriú, antiga Vila dos Garcia. Anos 1940

Assim, a Igreja da Barra foi “rebaixada” à capela novamente e, na documentação oficial era chamada de Antiga Matriz, Capela da Barra ou de Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Isso até a 1967, quando foi oficialmente batizada de Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

No final da década de 1950, a Praia de Camboriú já era mais desenvolvida que o município em si e os ventos separatistas sopravam com força. Em 18 de fevereiro de 1959, foi aprovado o projeto proposto no ano anterior pelo vereador Gilberto Américo Meirinho, que criou o distrito da Praia de Camboriú. O dono da farmácia Central, o senhor Olávio Mafra Cardoso, foi nomeado intendente do distrito.

Em 1961, a Praia elegeu três dos sete vereadores de Camboriú: Aldo Novaes, Urbano Mafra Vieira e José Linhares. Foi Aldo Novaes quem apresentou o projeto de emancipação, em fevereiro de 1964. Camboriú não queria perder sua principal fonte econômica, mas também não queria transferir a sede do município para a praia. Após muita negociação e várias votações, os vereadores da Praia de Camboriú conseguiram mais dois votos e o projeto foi aprovado. Assim, em 20 de julho de 1964, nascia a cidade de Balneário Camboriú.

Foram propostos dois projetos para a divisão das cidades. O primeiro que deixaria ambas com territórios parecidos, as duas com áreas rurais e marítimas, com o Rio Camboriú como divisor. Entretanto, este projeto não foi aprovado, pois Camboriú não queria perder a posse do Colégio Agrícola, que passaria para BC. Por isso, optou por ficar com uma extensão muito maior, mas sem acesso ao mar. E assim Balneário ganhou toda a Interpraias para si, apesar de uma extensão territorial menor.

B) Culturas - madeira/ café/ pesca / fumo/ pedra / engenhos.

O que atraiu colonos europeus e caiçaras para essa região, foram inicialmente duas possibilidades abundantes: o extrativismo e a pesca.

A pesca inicialmente pensando na subsistência nesse território selvagem e pouco habitado, e o extrativismo também como uma primeira opção. A extração de madeira e pedra foram atividades que perduraram por mais de um século.

Depois o motor da economia da cidade foi a agricultura, com a plantação de fumo, café e mandioca. Nos engenhos familiares se fazia farinha de mandioca, para o consumo e comércio.



O café era tão lucrativo que foi o motivo e desenvolvimento da Vila dos Garcia, que depois se tornou o centro administrativo da Vila de Camboriú. O que possibilitou Balneário crescer e se desmembrar foi investir no turismo, ao invés da agricultura.



É importante ressaltar que a cultura da pesca sempre esteve atrelada a agricultura, principalmente nas praias agrestes, onde o acesso era difícil e a pobreza abundante. Mas o solo era muito fértil, as famílias viviam em terrenos espaçosos, e basicamente viviam do que pescavam e plantavam.



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Praia “de” Camboriú - Por Mariana Schlickmann

A) Sete famílias:

Mesmo esse território já sendo habitado por indígenas e caiçaras. Oficialmente, a colonização de origem europeia começou nas redondezas com a distribuição das sesmarias, entre 1822 e 1823 para sete homens que passaram a habitar a área com suas famílias. Seus nomes eram: José Ignácio Borges, Balthazar Pinto Corrêa, Bernardo Dias da Costa, Manoel Oliveira Gomes, Aurélio Coelho da Rocha, Felix José da Silva e Victorino José Tavares.

De acordo com o relatório do Presidente da Província, João José Coutinho, em 1855, sobre a população da Província de Santa Catarina, este eram os dados sobre “Cambriú”, na Freguesia de Porto Bello:

Livres		Escravos		Total
Brasileiros		Estrangeiros		1964
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
838	889	11	1	

Documento 01: Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina, 1855. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Observando estes números podemos fazer uma análise crítica ao documento e pontuar que, apesar de a historiografia tradicional dar todo o crédito do sucesso das sesmarias para os sete primeiros homens, eles não prosperaram sozinhos. Ao olhar a quantidade de mulheres brancas, que eram maioria, e também o número de pessoas escravizadas, fica evidente a sua participação no processo de construção e desenvolvimento da sociedade local, tanto como força trabalhadora, quanto como agentes que contribuíram para a formação de uma cultura e identidade local.

B) Atividade econômica do turismo

A partir nos anos 1920, a praia de Camboriú, que era um reduto de pescadores, começou a ser frequentada por moradores de cidades vizinhas como Itajaí e Blumenau, principalmente de origem alemã, começaram a frequentar a praia com assiduidade, o que demandou a construção dos primeiros hotéis.



*Figura 1: Foto da casa que é considerada a primeira de veraneio da Av. Atlântica, supostamente construída em 1921.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.*

Inaugurado em 1928 pelo proprietário Jacob Schmitt, o Strand Hotel, ou “Hotel do Jacó”, foi a primeira hospedaria da Praia de Camboriú e estava localizada na Avenida Atlântica esquina com a Avenida Central. Em 1934, foi construído um novo empreendimento hoteleiro nesta mesma localidade, o Hotel Miramar, que está em funcionamento até hoje, porém com uma infraestrutura contemporânea.



Figura 2: Hotel do Jacó. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 3: Hotel Miramar, ainda com a mesma infraestrutura do Hotel do Jacó. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 4: Hotel Miramar após reforma. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

Neste mesmo ano, também foi inaugurado o primeiro prédio de alvenaria da cidade, o Balneário Hotel. Ele estava situado na Avenida Atlântica esquina com a Rua 1800, mas foi demolido em 1997. Aos poucos, a rede hoteleira foi aumentando com o Hotel Silva, de Bruno Silva, a Pensão Alice, de Alice Schreep, o Praia Hotel, de Inêz Schmidt Hartig, o Hotel, Soverteria e Restaurante Benthien, de Paulo Benthien, entre outros.



Figura 5: Balneário Hotel. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

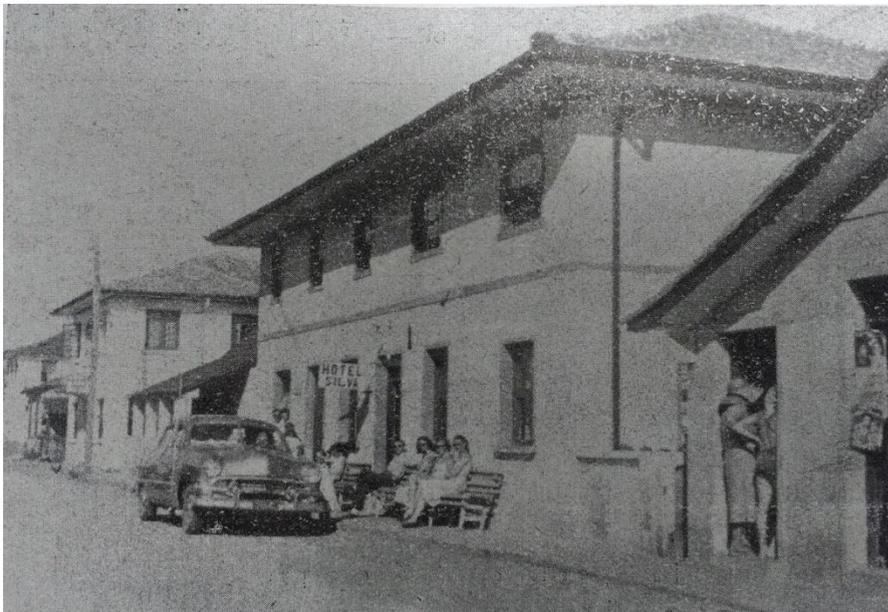


Figura 1: Hotel Silva. Foto do Álbum descritivo-fotográfico da Praia de Camboriú, 1952.

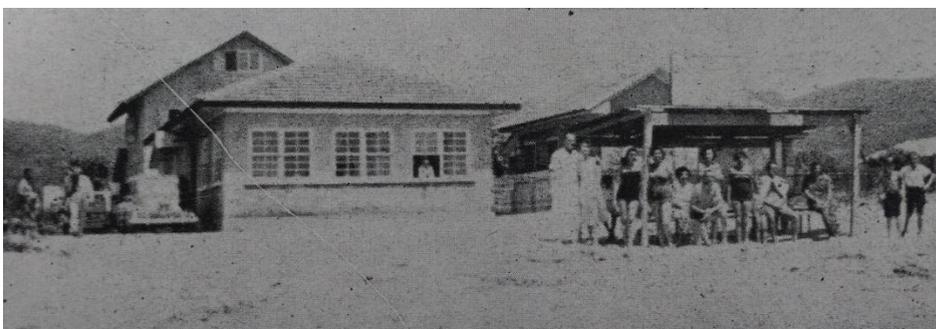


Figura7: Praia Hotel. Foto do Álbum descritivo-fotográfico da Praia de Camboriú, 1952.



Figura 8: Pensão da Alice. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 9: Hotel e Restaurante Benthien. Foto do Álbum descritivo-fotográfico da Praia de Camboriú, 1952

Pelos sobrenomes destes empreendedores pioneiros podemos perceber que são de origem germânica em sua maioria. Infelizmente, com o advento da Segunda Guerra Mundial, este movimento de desenvolvimento foi suspenso, e as populações do Vale do Itajaí deixaram de frequentar a beira-mar temporariamente.

C) Segunda Guerra Mundial

A Segunda Grande Guerra ocorreu de 1939 a 1945. Em 1942, o Brasil declarou guerra contra os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) e enviou tropas para lutar na Europa.

Santa Catarina, por ter a mais expressiva população alemã e italiana do País, passou a ser extremamente vigiada pelo governo de Getúlio Vargas, pois o medo de um levante no estado era constante. Assim, tanto o interior quanto o litoral, principalmente do Vale do Itajaí, passaram a ser ocupados e monitorados pelas forças armadas.

Em Balneário Camboriú, o Balneário Hotel e outras construções de alvenaria foram usadas como base militar durante a Guerra. A Colônia de Pescadores, até então em pleno funcionamento, foi obrigada a fechar as portas em 1943, como consequência do regime de vigilância e repressão ocasionado pela guerra, e só retornou às suas atividades em 1963.



Figura 10: Soldados em Balneário Camboriú durante a 2ª Guerra Mundial, 1943. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 11: Soldados em Balneário Camboriú durante a 2ª Guerra Mundial. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 13: Soldados em Balneário Camboriú durante a 2ª Guerra Mundial, 1943. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.





Figura 14: Soldados com pescadores em Balneário Camboriú durante a 2ª Guerra Mundial, 1943. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

D) Posto Texaco

Atualmente, estamos acostumados com uma Balneário Camboriú cosmopolita, com uma vida noturna agitada, comércio que funciona quase 24h, postos de gasolina que abrem diariamente e oferecem diversos serviços. Por isso, é difícil imaginar um contexto em que para os postos de gasolina funcionarem aos domingos foi necessária uma licença especial, amplamente divulgada e comemorada. Em 1979, oito cidades foram autorizadas a abrir os postos de gasolina aos domingos, o que teve impacto direto no turismo e no comércio local, pois as pessoas poderiam assim se deslocar para passear tranquilamente nas cidades turísticas sem se preocupar com a quantidade de combustível no tanque do automóvel.



E) Visitas Ilustres

Balneário recebeu inúmeras visitas famosas ao longo do tempo. Presidentes como Juscelino Kubitschek e João Goulart (que gostava tanto daqui que construiu uma casa de

veraneio), autoridades religiosas como Madre Paulina, artistas famosos como Vera Fischer. Isso tudo antes da internet e da era de fácil acesso a informação.

O hotel Fischer, inaugurado em 1957, como o primeiro hotel de luxo da cidade, ajudou muito na divulgação da cidade. Foi o primeiro de Balneário Camboriú a ter banheiro em todos os quartos, e essa infraestrutura era única em todo o litoral catarinense



Figura 18: Cartão Postal da cidade, anos 1970.

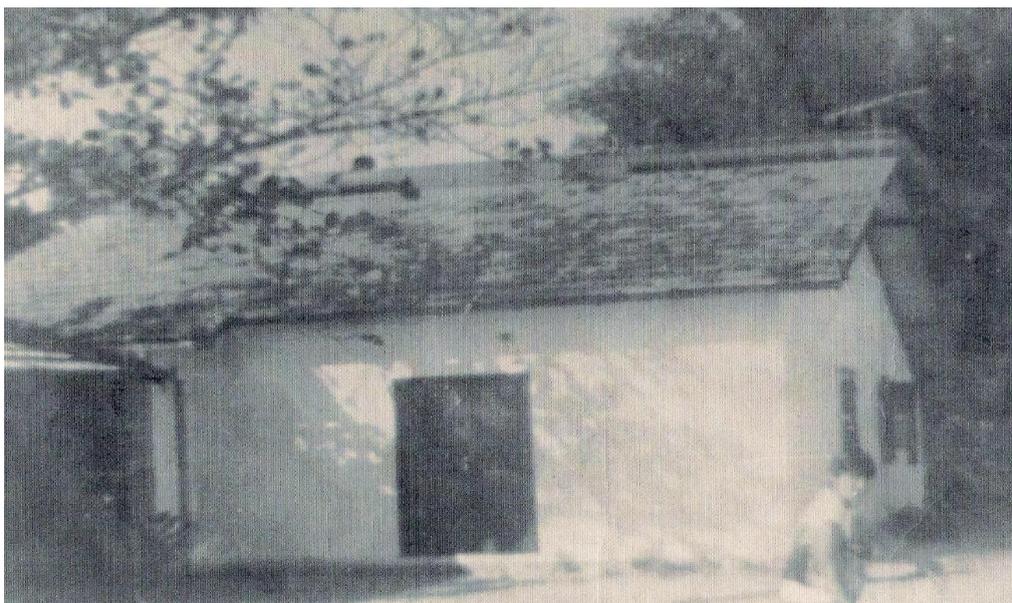


Figura 19 - Casa do Ex-Presidente João Goulart, Av. Atlântica com Rua 4600 década de 1950



Figura 20 - Ex-Presidente João Goulart reunido com amigos em sua residência anos 1950.

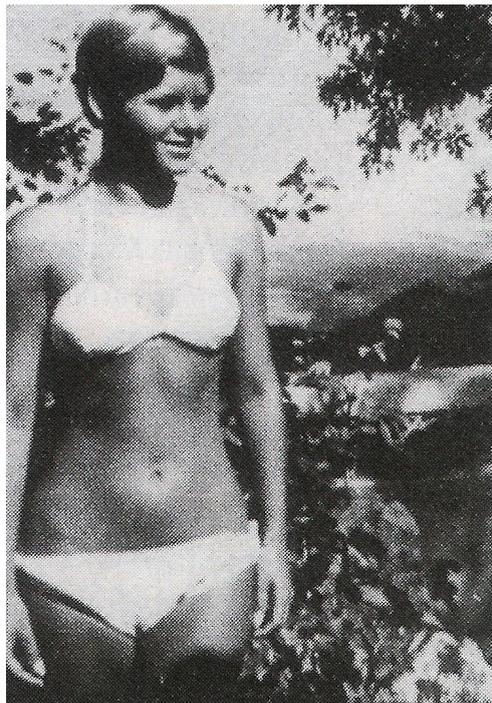


Figura 21 - Vera Fischer aos 14 anos em Balneário Camboriú, 1965

F) Emancipação marco da cidade

No final da década de 1950, a Praia de Camboriú já era mais desenvolvida que o município em si e os ventos separatistas sopravam com força. Entre os anos de 1951 para 1952 houve um aumento de 40 para 652 casas, o que representa um acréscimo de quase 1200%. O feito acabou colocando a cidade no topo das cidades turísticas do Sul do Brasil.

Mas o turismo naquela época era colocado em último plano pelas autoridades locais por não ser visto como uma fonte de riqueza. Com a vocação agrícola do município de Camboriú, até então os investimentos e olhos dos Governantes eram todos voltados para o agricultor.

O fenômeno turístico tomou conta de forma tão impressionante e inesperada que não foi à toa que autoridades locais começaram a se movimentar para criar o Distrito da Praia de Camboriú, no ano de 1959.

Em 18 de fevereiro de 1959, foi aprovado o projeto proposto no ano anterior pelo vereador Gilberto Américo Meirinho, que criou o distrito da Praia de Camboriú. O dono da farmácia Central, o senhor Olávio Mafra Cardoso, foi nomeado intendente do distrito.

Em 1961, a Praia elegeu três dos sete vereadores de Camboriú: Aldo Novaes, Urbano Mafra Vieira e José Linhares. Foi Aldo Novaes quem apresentou o projeto de emancipação, em fevereiro de 1964. Camboriú não queria perder sua principal fonte econômica, mas também não queria transferir a sede do município para a praia. Após muita negociação e várias votações, os vereadores da Praia de Camboriú conseguiram mais dois votos e o projeto foi aprovado. Assim, em 20 de julho de 1964, nascia a cidade de Balneário Camboriú.

G) Crescimento comparado a corrida do ouro Colorado EUA

A autonomia que Balneário ganhou com a emancipação foi posta em prática com uma série de melhorias que ajudaram no crescimento. Foi realizado o planejamento urbano da cidade definindo as ruas e avenidas, implantado o sistema de abastecimento de água e esgoto, os comércios e restaurantes foram se multiplicando, e o turismo se consolidou como a marca local. Em 1964, o Hotel Marambaia foi inaugurado. Sua arquitetura arrojada e o cassino atraíram hóspedes de todo o País.



Figura 225EQ: Figura 1, ARABIC2: Hotel Marombala na década de 1970. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Combará.

Foi inaugurado o Cinerama Dellatorre em 1967, o cinema pioneiro da cidade. No ano seguinte, em 1968, surgiu o primeiro jornal, A Voz do Litoral. Loteamentos foram criados, assim como as primeiras construtoras, que iniciaram uma era de investimentos e mudanças em Balneário. Entre os anos 1960 e início de 1970, prédios começaram a ser construídos. Se considerarmos um edifício como uma construção de quatro pavimentos, o Hotel Fischer foi o primeiro da cidade, seguido do Hotel Pio, construído em 1960, na Avenida Central. Contudo, o primeiro prédio de apartamentos residenciais foi o Edifício Eliane, situado na Avenida Brasil nº 1090, em frente ao Hotel Marimar. Após este, outros foram construídos na sequência, como o Punta Del Leste e o Albatroz, ambos na Avenida Atlântica e o Edifício Arlene, no cruzamento das avenidas Brasil e Central.



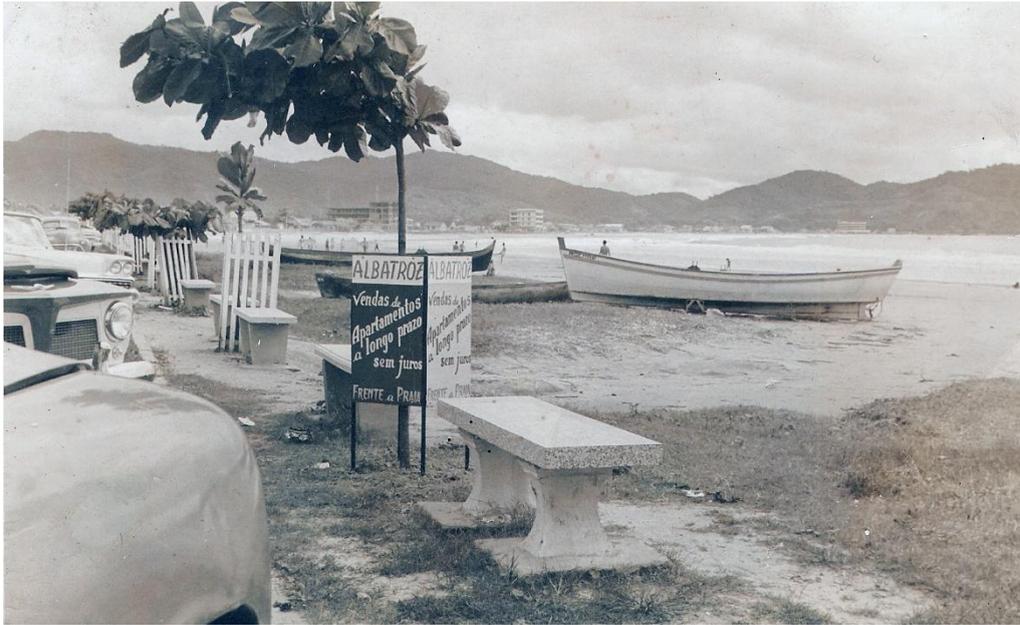


Figura 24: Placa de vendem-se apartamentos do edifício Albatroz, início da década de 1970. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

O crescimento e desenvolvimento urbano continuaram com força ao longo da década de 1970. Em 1971, a ETEL – Engenharia de Telecomunicações e Eletricidade Ltda – foi a vencedora da concorrência para a instalação da Rede Telefônica Urbana de Camboriú, iniciando a instalação dos aparelhos Ericsson nas residências e casas comerciais. No ano anterior, havia somente nove linhas telefônicas na cidade. Em 1971, também foi inaugurado o primeiro hospital da cidade, o Hospital Santa Inês.



Figura 25: Inauguração do Hospital Santa Inês. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

Os periódicos e tablóides da época apresentavam manchetes semelhantes às da atualidade: reclamações sobre o trânsito, poluição, elevação dos preços em bares, restaurantes e mercados durante a temporada. Também já havia reportagens com denúncias e preocupação com o meio ambiente, pois o crescimento acelerado e às vezes desordenado estava modificando a paisagem natural de forma significativa. Neste mesmo período, os argentinos, que hoje são assíduos visitantes, começam a frequentar a cidade juntamente com turistas de todos os cantos do País.

Alguns dos símbolos e cartões postais da cidade foram construídos na década de 1970. As Avenidas Atlântica e Brasil receberam calçamento de lajota, a escultura do Marambaia foi inaugurada e o Bondindinho consolidou-se como um meio de transporte para turistas e moradores. As primeiras experiências para transformar o trecho da Avenida Central entre a Brasil e a Atlântica em espaço exclusivo para pedestres obtiveram sucesso, e logo o Calçadão da Central virou símbolo do comércio.

Em 1974, o Departamento de Turismo e Comissão Municipal de Esportes promoveu a primeira Corrida de Calhambeques, realizada em 29 de abril. A faixa de areia e a Avenida Atlântica tornavam-se pista, servindo de autódromo improvisado. O sucesso do evento foi tamanho que muitas outras se seguiram, e o Clube do Automóvel foi criado em 1978.



Figura 26: Corrida de Calhambeques. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

Balneário já possuía brasão e bandeira e, em 1975, foi realizado um concurso para a escolha do hino da cidade. Quatro anos mais tarde, no dia 20 de novembro de 1979, o nome do município foi alterado pela lei estadual 5.630, e o Balneário **de** Camboriú passou a denominar-se Balneário Camboriú.

A mudança do nome da cidade veio do clamor popular e também de uma rivalidade com o município vizinho. O argumento era que a preposição **DE** indica posse, e o Balneário não pertencia mais à cidade de Camboriú, ele era dono de si.

No décimo quarto aniversário da cidade, em 1978, foi inaugurado a Sede da Prefeitura, localizada na Rua Dinamarca. O prédio, com características modernistas, abriga até hoje o Poder Executivo, cuja sede foi ampliada com um novo prédio em 2007.



H) Álbum de fotografias



Figura 28: Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 30 - Pouso Forçado de Aviadores Paraguios na Praia de Camboriú, década 1940



Figura 31 - 1º Posto de Informações Turísticas (PIT), Praça Almirante Tamandaré ano 1979



Figura 32 - Família Wachs na Praia Central, nas proximidades da Rua 1800, Centro, Década de 1970

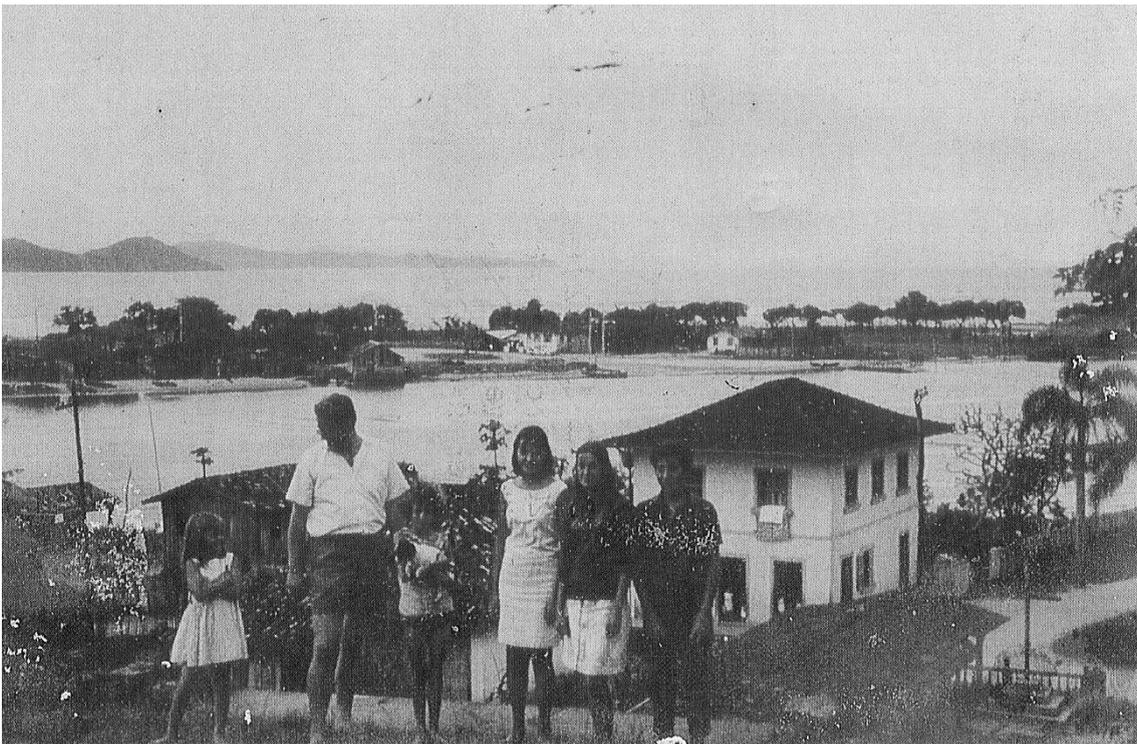


Figura 33 - Vista central do Bairro da Barra, ao fundo a casa Linhares e a Barra Sul, década de 1950



Figura 34 Imagem do Centro da Praia de Camboriú em 1958



Figura 36: Ilha das Cabras em 1913. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

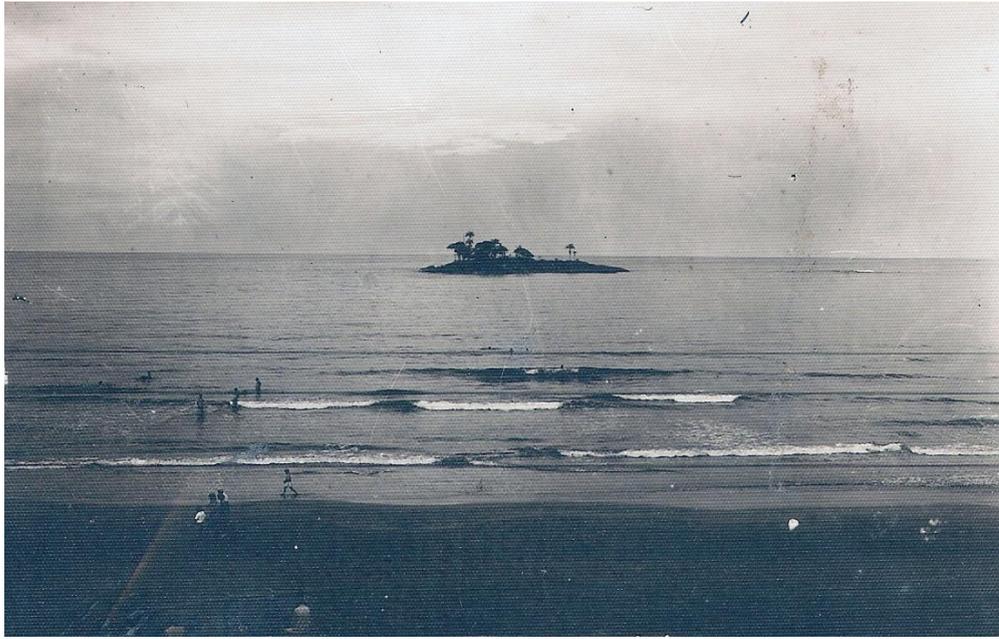


Figura 37: Ilha das Cabras na década de 1940. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 38: Ilha das Cabras na década de 1980. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

I) AI5 - Higino Pio

Balneário Camboriú elegeu como primeiro prefeito Higino João Pio, em 1965, pelo PSD. Ele é lembrado até hoje como uma pessoa simples, muito carismática e enérgica. Foi muito efetivo nos primeiros anos de administração. Entretanto, sua morte foi um trauma coletivo e deixou uma profunda cicatriz na memória da cidade.

No dia 13 de dezembro de 1968, entrou em vigor o Ato Institucional número 5 (AI5), que deu poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime militar ou como tal considerados. Em 19 de fevereiro de 1969, poucos meses após o AI5, Pio foi preso e levado junto com outros funcionários da Prefeitura até Florianópolis para prestar depoimento sobre um suposto desvio de dinheiro. O caso iniciou-se com uma denúncia de corrupção feita por seus opositores. Um interventor passou um ano dentro da prefeitura analisando os gastos, procurando por provas para comprovar esse desvio de conduta e não encontrou nada.

Após 12 dias sem nenhuma notícia, sua família recebeu um comunicado oficial dizendo que ele teria se suicidado nas dependências de um prédio da Marinha na Capital. Foi um choque para os familiares e para a população, pois todos que o conheceram afirmavam categoricamente que Pio jamais se mataria. Junto com a dor, somou-se o medo do poder de repressão do regime militar, o que deixou uma marca muito viva na memória das pessoas.



Figura 39: Prefeito Higino Pio no 4º aniversário da cidade. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Balneário Camboriú.

Com o relatório da Comissão da Verdade, entregue em 2014, ficou comprovado que Higino Pio não se suicidou, mas foi assassinado, e que o regime militar forjou, de forma grosseira, o suicídio do então prefeito.⁷ Com a sua morte, o Presidente da Câmara, Álvaro Silva, tomou posse por oito meses, até ser substituído pelo interventor federal Egon Stein. Em 1969, o professor Armando César Ghislandi foi eleito prefeito por meio do voto popular.

⁷ O relatório da Comissão da Verdade sobre a morte de Higino Pio encontra-se disponível online em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/laudos/analise_higinio_pio.pdf



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Pesca Artesanal - Por Mariana Schlickmann

A) Navegar é preciso

Por volta da década de 1920, a então Praia de Camboriú era um reduto de pescadores. Na praia central havia pouquíssimos moradores e o local mais habitado e desenvolvido era o Bairro da Barra. A agricultura era de subsistência, e a pesca a principal matriz econômica, típico modo de viver caiçara. Por isso, em 1927, foi fundada a Colônia de Pescadores Z7, uma das primeiras da região e das mais antigas do Brasil. A colônia foi e ainda é um espaço importante que mantém a mesma função e sentido para os moradores. É um espaço de sociabilidade, de lazer, de reivindicação, de luta e trabalho.

A primeira televisão do bairro foi comprada pela colônia e funcionou como um cinema por muito tempo. A festa do Pescador também acontece lá. Seu Júlio, pescador e zelador da Capela de Santo Amaro, vê ainda um outro aspecto importante da colônia: “A colônia ela tem um particular ali que eu poderia assim dizer, que talvez o pescador não saiba a força que a colônia tem, a colônia tem uma força que pode conseguir muita coisa pro pescador. Ela já foi... na época tinha ali médico, tinha dentista, o primeiro médico e dentista da Barra era na colônia de pescador (Júlio Cesar Alexandre, entrevista, 15 de setembro de 2017).

Figura 1 Colônia de Pescadores Z7



B) Modo de vida – costumes

A pesca é o grande patrimônio do Bairro da Barra que influencia o modo de ser, viver e morar. As famílias tradicionais do bairro moram tradicionalmente em várias casas no mesmo terreno, e nestas, a cozinha possui uma varanda nos fundos, o que auxilia na limpeza do peixe e dos instrumentos de pesca. Uma das festas tradicionais realizada na Capela Santo Amaro, de Nossa Senhora dos Navegantes, começava com a procissão e bênção dos barcos. A praça, que ainda é um dos principais pontos de encontro e sociabilidade local, fica ao lado do rio e perto dos barcos. A colônia de pescadores que reúne as pessoas para o trabalho, mas também para o lazer. O cotidiano das famílias era e ainda é regido pela pesca. Por muito tempo a pesca foi a principal fonte de renda das famílias locais e um dos únicos empregos para as pessoas.





Figura 3 1028 - Sra. Carmen com seu amigo pescador na Praia de Laranjeiras, década de 1950. Fonte: AHBC



Figura 4 076 - Redes de pesca, década de 1950. A.C.7398. Fonte AHBC



Figura 5 854 - Irmãos Von Knoublauch e os ranchos dos pescadores ao fundo, na Praia de Camboriú, década de 1940. Doação Annegret Karin Von Knoublauch. Fonte: AHBC

C) Modo de ocupar o mundo

Nas palavras de uma moradora: “a vila de pescadores, que era pra mim na época né que eu era criança, o meu olhar naquela época que eu olhava e eu deduzia aquilo como uma vila de pescadores né, que eu saía da minha casa e eu atravessava a rua e já tava dentro da água, porque a extensão do rio ela vinha até a a rua da minha casa, limitava-se ali. Então era bonito de ver, da minha casa eu via o rio, da minha casa eu via as gaivotas, da minha casa eu via as garças né, da minha casa eu via os pescadores indo e voltando e hoje mais já não se tem mais isso, porque foi muito povoado e muito também destruído né e com o avanço das salgás pra comercialização e industrialização do pescado, fez com que avançasse pra dentro do rio né, matasse os manguezais. Então eu penso que toda essa área deveria ser recuperada né, principalmente os manguezais e toda a extensão do rio que já são é...já tem construção de casas né ali inclusive. Então eram propriedades que não eram de ninguém, os pescadores usavam, porque eles estavam ali e eles precisavam usar pra poder sair e voltar com as embarcações. E com o passar do tempo, não sei como isso aconteceu, mas, algumas pessoas tornaram-se donos e foram construindo casas ali. Então eu gostaria muito que isso fosse recuperado né, e preservado de agora pra frente e a permanência dos pescadores aqui também, a cada ano que passa diminui mais e mais, por fato de que eles já não tem mais um

espaço que seja deles mesmo né, esse espaço já foi muito estreito, cada vez mais, como se eles estivessem, a cada ano que passa eles tã sendo expulsados né, um pouco mais, por um lugar que eram deles e que hoje eles já não podem mais desfrutar daquele espaço. Então eu, peço pra Deus para que isso não aconteça né, pra que eles permaneçam aqui e que haja mesmo uma forma de fazer com que...de mantê-los nessa função, nessa profissão, que é muito rica, que é bonita né, faz parte da nossa história, tem muita riqueza nisso tudo (Jonemar Nascimento, entrevista, 09 set. 2017).



Figura 6 073 - Pesca da Tainha, década de 1950. C.A.7395. Fonte: AHBC



Figura 7390 - Pesca do cação, déc. de 1950. Fonte: AHBC

D) Mulheres, Homens do mar



Figura 8 075 - Pesca do Arrastão, década de 1950. C.A.7397. Fonte: AHBC



Figura 9 112 - Pesca de arrastão, década de 1960. C.A.7437. Fonte: AHBC



Figura 10 150 - Pesca da Tainha, década de 1970. C.A.7597. Fonte: AHBC



Figura 11 157 -Maior lance de tainha em nosso municipio, maio de 1973 C.A.7654 Fonte: AHBC



Figura 12 2182 - Recolha de rede, Praia de Camboriú, ano 1936. Fonte: AHBC

E) Natureza

Vale ressaltar que a principal relação da comunidade não é com o mar, mas com o rio. E o impacto da poluição, ocupação desordenada, depredação das margens e manguezais é sentido diretamente na dificuldade de continuar com a pesca. Continuar com a pesca, é continuar a dar sentido para existência dos habitantes locais e para a história da Barra.



Figura 13 003 - Barco de Pesca, década de 1920. C. A. 7054. Fonte: AHBC

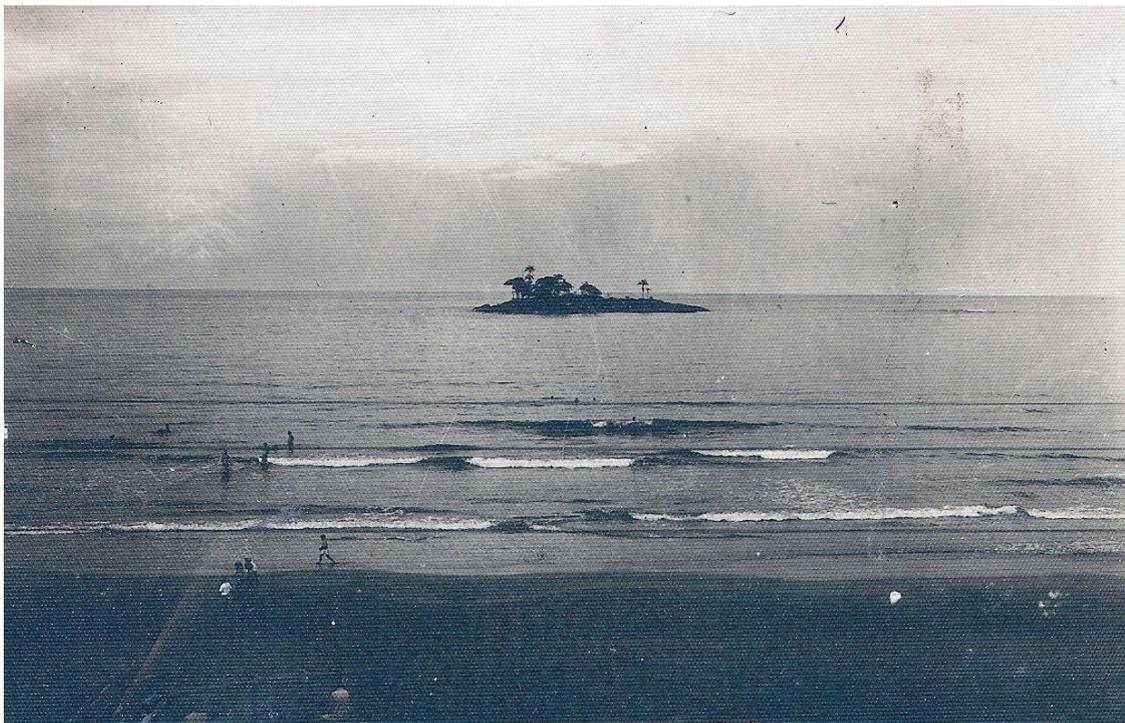


Figura 14: 016 - Vista da Ilha, década de 1940. C.A.7114 Fonte: AHBC



Figura 15: 202 - Vista parcial da Barra Sul e Rio Camboriú-década de 1940- C.A.7931. Fonte: AHBC



Figura 16 2073 - Praia do Buraco, ao fundo Praia Central, década de 1950. Fonte: AHBC



Figura 17 Saída do Rio, Barra Sul e praia Central, Anos 1940



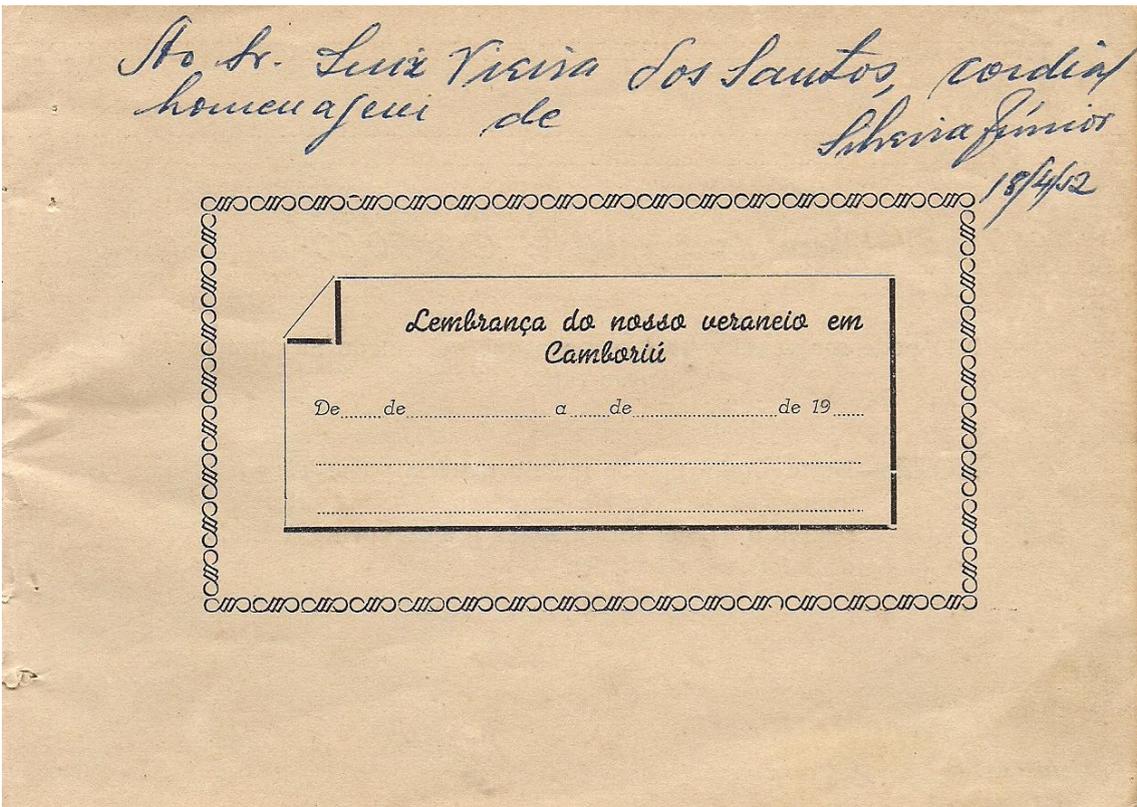
PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Álbum Fotográfico - Por Mariana Schlickmann

Após a 2ª Guerra Mundial, os imigrantes do Vale do Itajaí, que durante esse período foram vigiados pelo aparato do governo por serem visto como potencial ameaça, voltaram a frequentar o litoral e os veranistas retomaram o hábito de passar o verão na Praia de Camboriú. A praia já era caracterizada como um lugar turístico, e para reforçar este aspecto e divulgar o local, o jornalista Norberto Cândido Silveira Júnior, que era membro da Academia Catarinense de Letras, organizou a primeira propaganda turística local, o Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, de abril de 1952 e com fotos de Hans Wachs, fotógrafo profissional e pioneiro do balneário.

Hans Wachs era um alemão que veio para o Blumenau em 1929, e para a Praia de Camboriú no começo dos anos 1950, com a esposa e as três filhas. Ele criou o primeiro estúdio de fotos da cidade e um dos primeiros restaurantes, o Camarão a Palito, que era situado na Av. Atlântica na esquina com a 2900.

É válido dizer também que foi Silveira Júnior quem organizou o sistema viário da cidade. Esta obra foi realizada no governo de Higino Pio, e dividiu os bairros em Nações, Estados, Municípios, Pioneiros, Vila Real, Barra e Centro, dando o nome das ruas de acordo com o bairro. A ideia de dividir as ruas do centro em números foi inspirada nas ruas de Nova Iorque.



Preço do exemplar: Cr\$ 20,00

Não pode ser vendido sem o mapa que vai colado na última contra-capa.

NOTA:—Neste Álbum não se incluiu matéria paga. Tôdas as indicações de hotéis e emprêsas de transportes terrestres e aéreas foram feitas gratuitamente, a título de informação turística.

Foto 4



DUAS PALAVRAS

História escrita, donde se possam extrair alguns dados, a praia ainda não tem.

É «seu» Manoel Germano, um dos mais antigos pescadores do lugar, quem no-la conta na sua lingua desataviada e singela:

—«Conheço isto aqui há mais de cinquenta anos. Antigamente não se falava em banho de mar. Nós, pescadores, é que semeávamos os nossos ranchos de canoa cá pra estas bandas. Me recordo bem que de ponta a ponta da praia não havia mais de cinco galpões. Posso até dizer os nomes dos moradores por volta de 1910...»

Concentra-se para reconstituir mentalmente a praia desértica dos começos do século, enrola a ponta esquerda do bigode e continua:

—«Havia as casinhas do Agostinho Cardoso (no Canto), a do Antônio Caldeira, onde é hoje o «Miramar», a do Carlos Fernandes, no lugar do «Balneário Hotel», e as do Chico Garcia e do Galdino Hilário lá pros lados da Barra. E era só. P'ro Itajaí a gente ia por um picadão de cargueiro. O peixe não valia nada. Can-

Foto 5

sei de vender tainha a trinta mil reis o cento. E corvina, quando se pegava oito mil reis (também o cento, dava-se graças a Deus. A terra aqui era quasi de graça. Imagine o senhor que o velho Fleischmann comprou oitenta braças de terra ali onde hoje fica a casa do seu Ari Garcia por cento e sessenta mil reis».

E prossegue:

—«Foram os alemães («seu» Germano se refere aos teuto-brasileiros do Vale do Itajaí) que começaram esta moda de banhos de mar. E é coisa nova. Obra de uns vinte e cinco anos pouco mais ou menos. Penso que foi em 1928 que o Jacó Schmitt botou o primeiro hotel da Praia, o mesmo Miramar de hoje. Logo depois, d. Mimi Honkel também abriu uma hospedaria ali onde está o «Balneário». E daí para cá é que começou o movimento.

Faz uma cara de malícia e acrescenta um detalhe:

—«Antigamente as mulheres tomavam banho de saia, geralmente à noite, e se escondiam quando aparecia algum estranho...»

«Depois da instalação dos hotéis—esclarece seu Germano—é que os terrenos começaram a encarecer. A pobreza foi procurando os morros, os verdadeiros donos da praia que são os pescadores, êsses, coitados, acharam melhor vender os seus terrenos aos banhistas para aproveitar o preço e desapareceram. E hoje só quem é rico pode ter um terreno aqui...»

Joga o chapéu com violência na areia e pergunta:

—Então pescador pode pagar terra a seis contos o metro?

Breve notícia sôbre a Praia de Camboriú

A Praia de Camboriú, no município do mesmo nome, no Estado de Santa Catarina, é uma das mais belas do Brasil, quer pelo contraste dos morros circundantes, quer pela sua vasta extensão de mais de 6 quilômetros.

É uma verdadeira estância de repouso e veraneio, porque em Camboriú não há o aglomerado humano que faz de outras praias apenas motivo de entretenimento social, mas nunca um local para recuperação de energias. O seu clima é ameno e mesmo durante a estação de veraneio, que vai de dezembro a abril, não se registram altas temperaturas. O lugar é extremamente saudável. Não há mosquitos nem malária e outras moléstias de caráter epidêmico não são aqui registradas.

A Praia é servida por seis hotéis, cujas diárias variam de 60 a 80 cruzeiros. Há uma rede de telefones automáticos que liga Camboriú a todas as principais localidades de Santa Catarina, além de ótima luz elétrica, fornecida pela mesma usina que serve Joinville e outras cidades catarinenses.

O Aeroporto de Itajaí, servido por aviões diários da «Varig». «Cruzeiro do Sul» e «TAC» fica situado a 10 quilômetros da Praia de Camboriú, à qual se liga por boa estrada de rodagem.

Kurze Notiz ueber den Strand von Camboriú

Der Strand (oder die Praia) von Camboriú, im Munizip desselben Namens und im Staate Santa Catarina gelegen, ist einer der schoensten Straende, sei es durch den Kontrast der umgebenden Berge, sei es durch seine weite Ausdehnung von ueber 6 Km.

Es ist ein wirklicher Kurort und Sommer-Ruheplatz, denn in Camboriú hæuft sich nicht soviel Volk an, das die anderen Straende in ein soziales Zentrum verwandelt und so keine Gelegenheit gibt die verbrauchten Kraefte und Energien wiederherzustellen. Das Klima ist milde und weist sogar waehrend der Sommersaison keine hohen Temperaturen auf. Der Ort ist aeusserst gesund. Keine Mosquitos, keine

Malaria oder andere Krankheiten epidemischen Charakters werden verzeichnet.

Der Strand wird von 6 Gasthäusern bedient, deren Tagesgelder zwischen 60 bis 80 Cruzeiros schwanken. Es existiert eine automatische Telefonlinie, die Camboriú mit den hauptsächlichsten Orten Santa Catarinas verbindet, und auch elektrisches Licht, geliefert von derselben Zentrale, die Joinvile und andere Städte des Staates bedient.

Der Flughafen von Itajaí, durch tägliche Flüge der Varig, Cruzeiro do Sul und Tac bedient, liegt 10 Km von Camboriú entfernt und ist durch eine gute Straße verbunden.

A brief account of Camboriú Beach

Camboriú Beach, in the municipality of the same name in the State of Santa Catarina, is one of the most beautiful in Brazil, remarkable both by the contrast of the surrounding mountains and its vast extent of over six kilometers.

It is an ideal summer holiday resort for those who desire rest, because in Camboriú one does not find the enormous number of people that makes other seaside resorts simply places of entertainment rather than where one can recuperate one's strength.

The climate is mild and even during the holiday season, which is from December to April, the temperature is never very high.

The locality is extremely healthy. There are no mosquitoes, nor are malaria and other diseases of an epidemic nature registered there.

Along the beach there are six good hotels whose tariffs vary from sixty to eighty cruzeiros per day. Besides having an automatic telephone-system which links Camboriú with all the principal localities in Santa Catarina, there is an excellent electric light service supplied by the same Company that serves Joinvile and other cities in the State.

The «Varig», «Cruzeiro do Sul» and «TAC» Airlines have a regular daily schedule from the Itajaí airport situated about ten kilometers from the Camboriú Beach and connected thereto by a very good road,

— Hotel Balneário — DE — Miguel Matte —



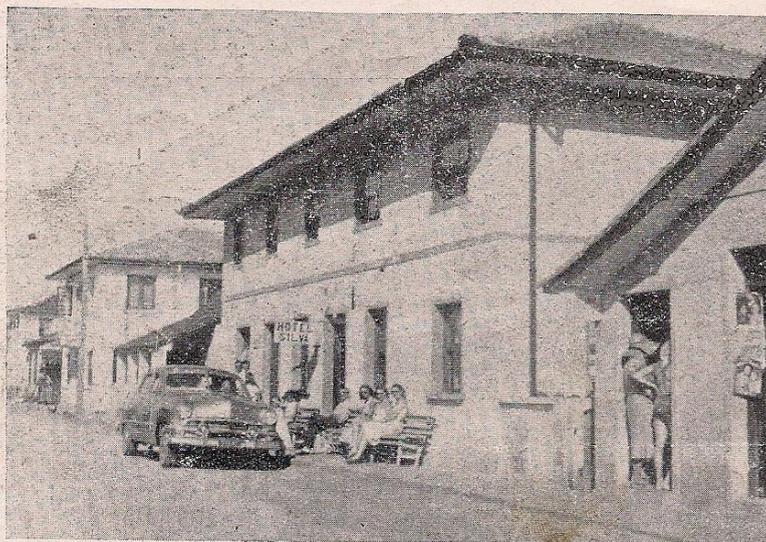
Em ponto central da praia

Água corrente em todos os
quartos

—
SORVETERIA

Telefone automático nr. 95
Sala de música

Diária: — Cr\$ 80,00



Hotel Silva de Bruno Silva

Tel. automático nr. 6

Diária: Cr\$ 60,00

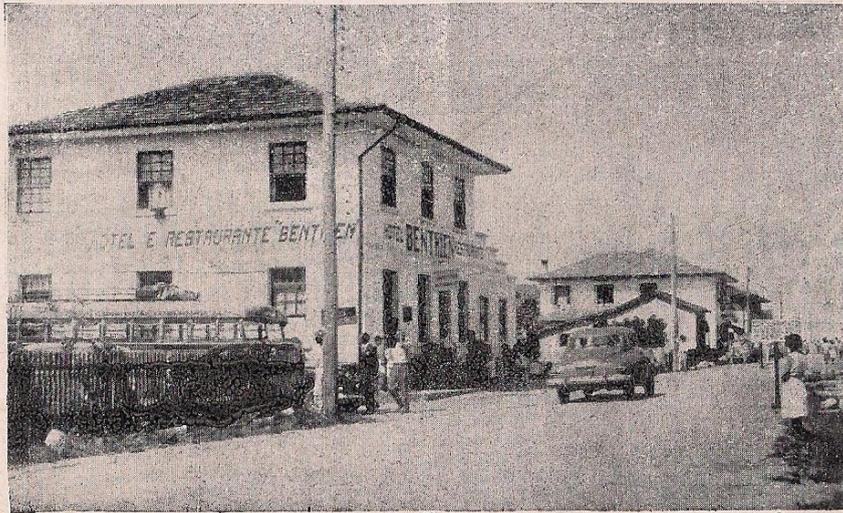


HOTEL MIRAMAR

— DE —

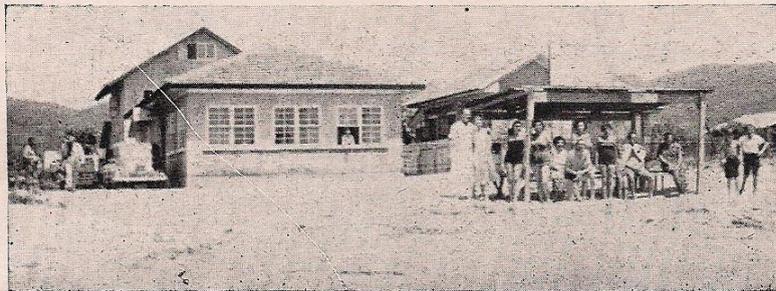
João Wockenfuss

— Frente para o mar —



Hotel, Sorveteria e Restaurante «Benthien» d. Paulo Benthien

Diária: - Cr\$ 60,00



PRAIA

**H
O
T
E
L**

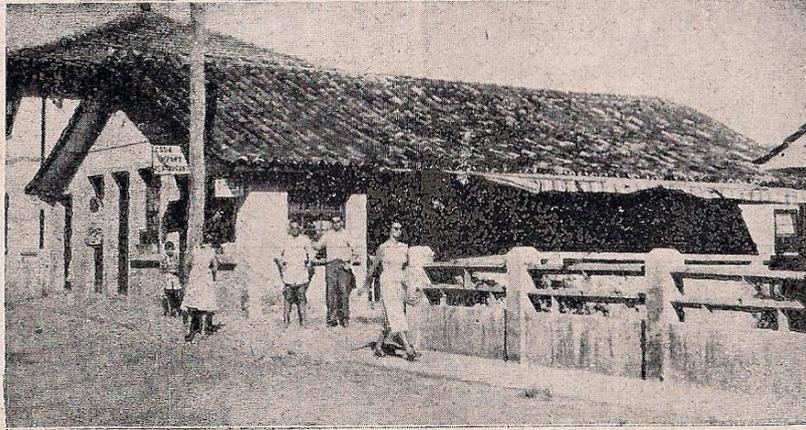
— DE —

INÊS SCHMIDT HARTIG

(Mais conhecido por Hotel de Da. Inês)

— Frente para o mar —

Diária: — Cr\$ 60,00



Bar e Restaurante de Higino Pio
Refeições unicamente

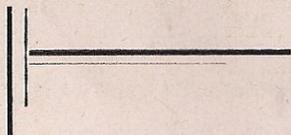


Esta é a rua principal que liga a praia à estrada geral Itajai-Florianópolis.
Está sendo calçada a paralelepípedos.

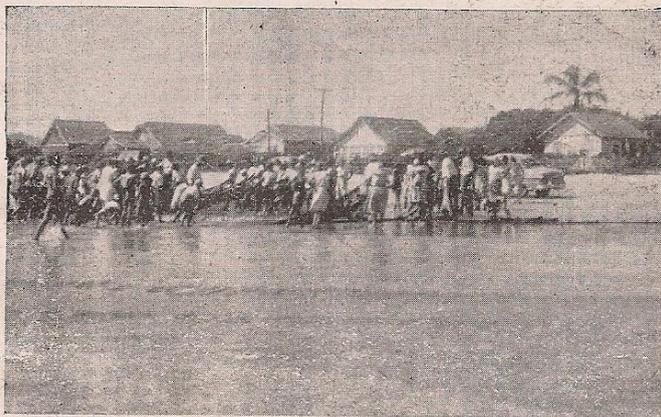


Observa-se a maior diversidade de estilos nas residências praianas, que vão desde o chalé alegre de telhado nórdico

ao palacete de linhas sóbrias e jardim tropical.



Pesca



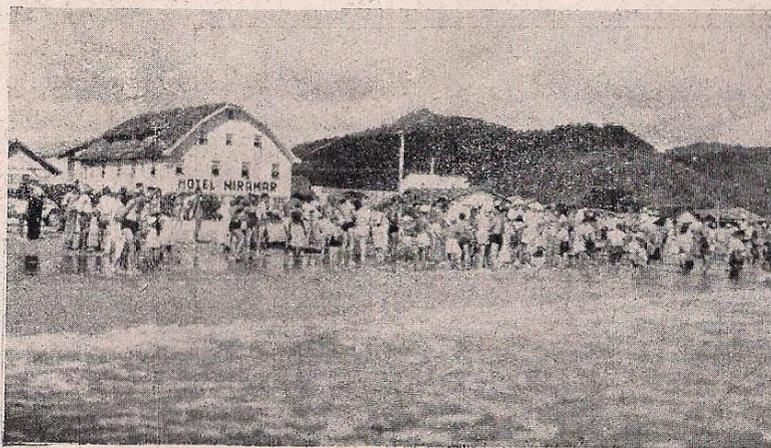
Um espetáculo diário que muito diverte os veranistas são os lances com redes de arrasto.

É uma praia de grande abundância, não só de peixe mas também de frutas e verduras. E tudo aqui se vende de porta em porta: o pescado, tomate, a-

bacaxí, carne, ovos, cebola, couve, agrião, melancia . . .

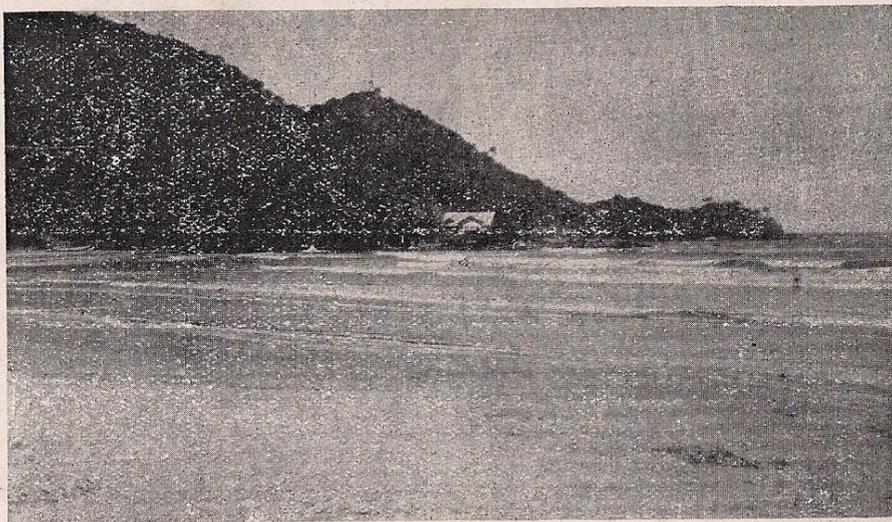
Em Camboriú se come bem.

== Se você gosta de movimento... ==



Banhe-se ou faça o «footing» na parte central da praia, de preferência aos domingos.

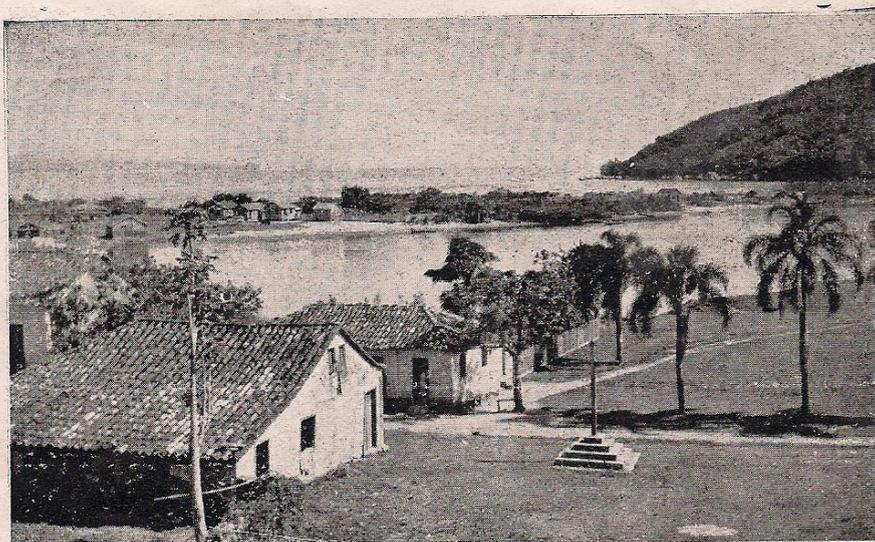
== Mas se prefere sossêgo... ==



Bem... nesse caso... há as águas tranqüilas do Canto Norte. A Prainha...
A Praia do Buraco...



Se aprecia a pesca... Vá à «Pedra do Êrico». Em qualquer parte do costão, entre a Prainha e a Praia do Buraco, há bons pesqueiros.



Mas se prefere apanhar siris... então vá à Barra e mate dois coelhos de uma cajadada: pegue os «ditos cujos» e aprecie a velha freguezia em puro estilo colonial português, com a sua igrejinha centenária.

VISTA



Tirada especialmente para êste Album, d
As águas do primeiro plano

GERAL

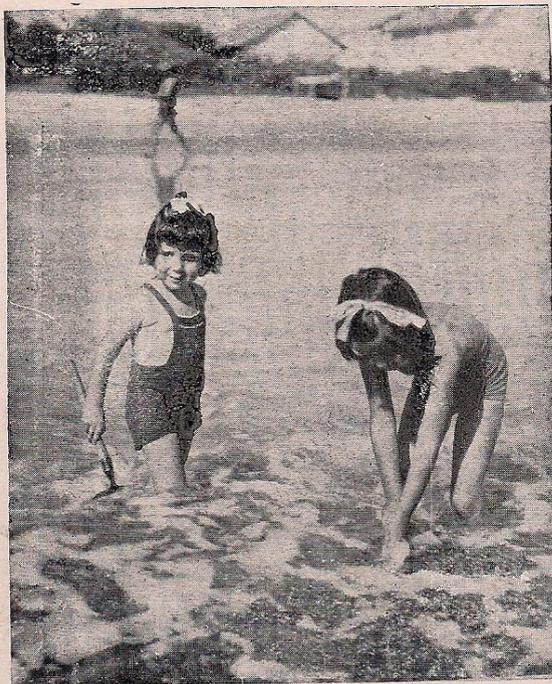


o morro aos fundos da Capela da Barra.
são a foz do Rio Camboriú.

E. há também as garotas...



*Lindas como
as de
Alceu Pena,
mas estuantes
de vida.*



Segurança

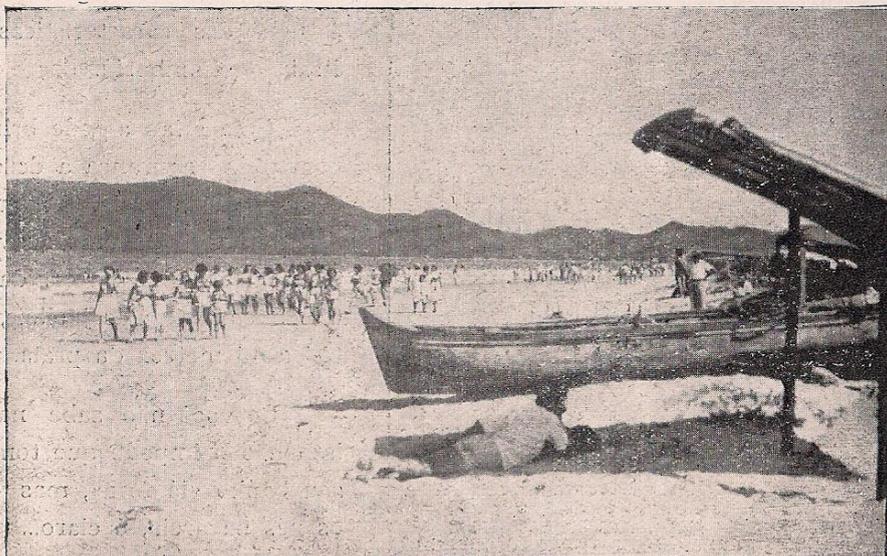
é uma das características da Praia de Camború.

Uma criança pode brincar com toda segurança a dezenas de metros da praia, porque o seu declive é de uma suavidade invulgar. As garotas da foto, com água pelos joelhos, estão a 15 metros da praia.

Se você não sabe nadar, isso não o impede que tome o seu banho «lá fora», mas com os pés na areia, é claro...

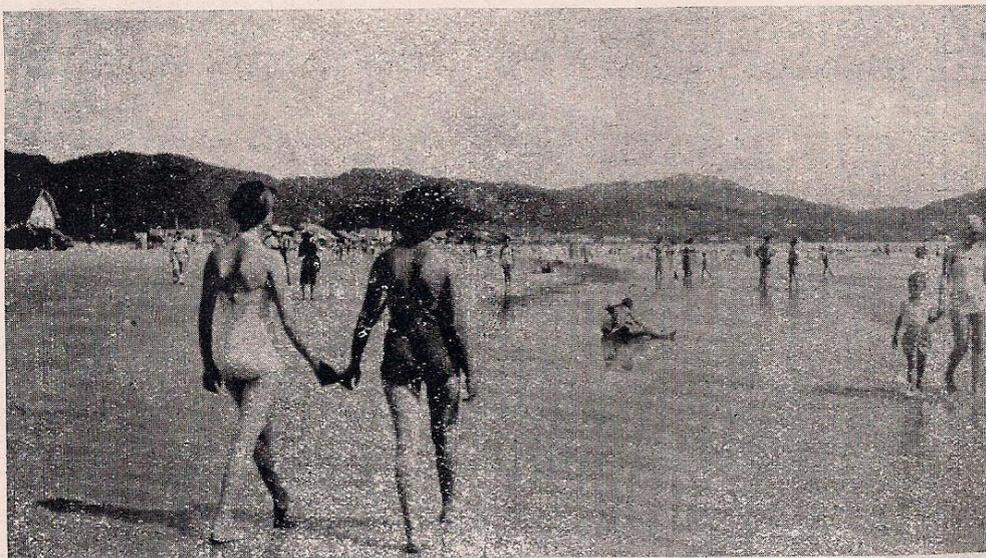
LADO SUL

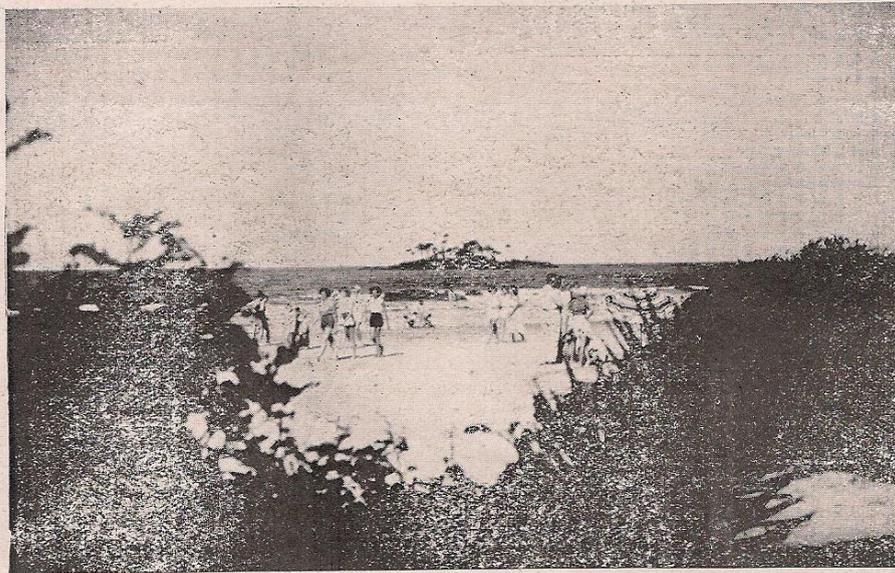
DUAS FOTOS QUE



SE COMPLETAM

LADO NORTE





A ilha, pitorescamente plantada no meio da baía, é uma pausa no infinito panorama visual do mar imenso. Parece um cenário feito em Hóliud para um tecnicolor.



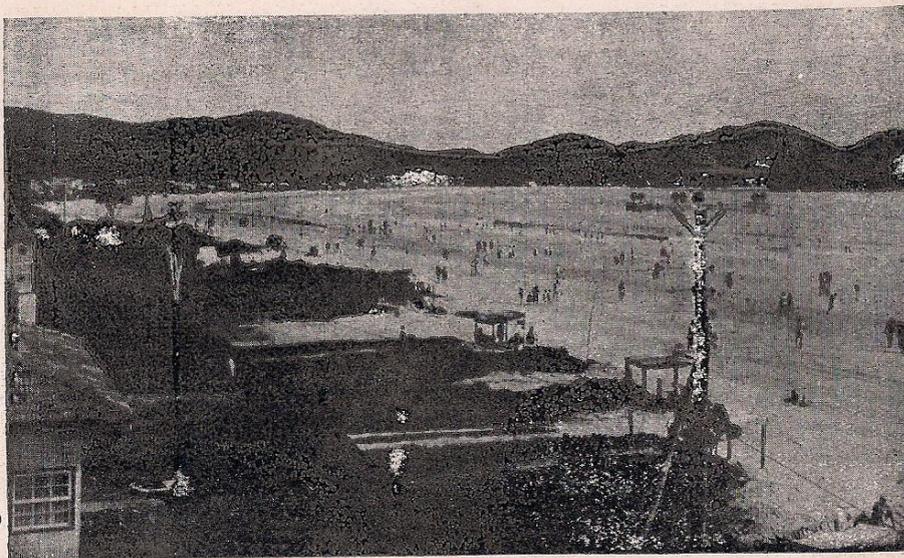
T
U
R
I
S
M
O

De todo o sul do Brasil chegam veranistas à Praia de Camboriú. E as placas dos automóveis revelam as suas procedências:

União da Vitória-PR 26-01-010	Lajes - SC 2-44-09	Veranópolis-RS 12-88-89	Campos-RJ 4-36-46	Getúlio Vargas - RS 5-59-99	
Sobradinho - RS 9-18-50	Joinville - SC 3-18-85	Curitiba - PR 26-53	Ijuí - RS 8-50-87	Brusque - SC 4-01-93	Montenegro - RS 6-58-05
Itajaí - SC 1-81-67	São Paulo - SP 1-18-78	Cor. Procópio-PR 10-22-09	Florianópolis-SC 1-45-60	Distrito Federal 72-02	Santos - SP 22-52-27



Turismo doméstico - Todos os domingos, dezenas de «lotações» dos mais longínquos recantos do Estado enchem a praia de veranistas. Nesse «turismo doméstico» o Vale do Itajaí colabora com o maior contingente.



L
U
Z

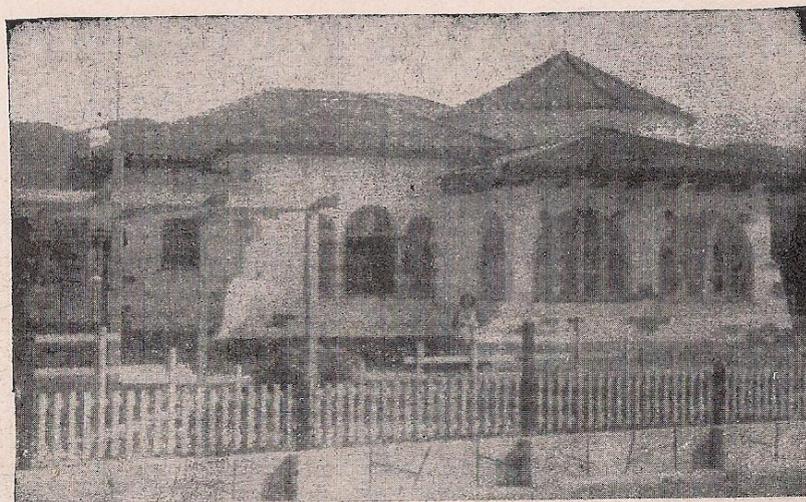
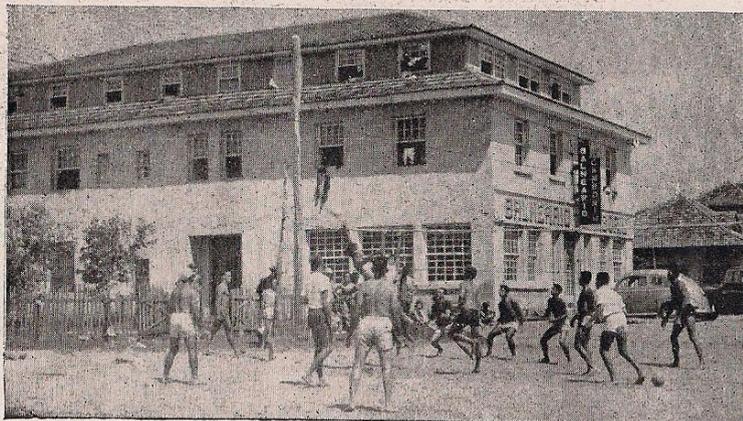
E
S
O
M
B
R
A

|||

Na parte sombreada desta foto, correrá a futura avenida que margeará os seis quilômetros de praia.

ESPORTE

Improvisado embora, o esporte é aqui praticado pelos veranistas. Quadros de vôlei, campos de futebol, quadras de tênis, surgem na praia onde quer que haja espaço. Mas a coqueluche é o «tamborete», uma espécie de tênis, cuja bola é impulsionada por algo semelhante a um pandeiro.



Elegante residência, em estilo neo-californiano, do banqueiro Dr. Rodolfo Renaux Bauer. Na praia há moradias de custo superior a meio milhão de cruzeiros.

Luz e Telefone

A praia possui excelente luz elétrica, fornecida pela «Empresul», a mesma empresa que serve Joinville.

Há também em Camboriú uma pequena central telefônica automática que faz a inter-comunicação dos telefones que servem a Praia, além de estar ligada à rede telefônica geral do Estado. De Camboriú você pode se comunicar com todas as cidades do Estado servidas pela Companhia Telefônica Catarinense.

Diversões - Meios de Transporte

Na boate «Boa Noite» há danças diariamente, animadas por ótimo conjunto: violoncelo, violão elétrico, violino, gaita e bateria. É o conjunto de «Nandinho e seu Ritmo».

São famosos os bailes carnavalescos da praia. Pela sua excepcional animação reúnem não só os veranistas mas grande número de famílias itajaienses. Durante o tríduo de Momo há concorrido curso de automóveis na Praia.

* * *

Quatro linhas de ônibus servem a Praia:

Baturité Campos: — Praia - Itajaí — 4 viagens diárias

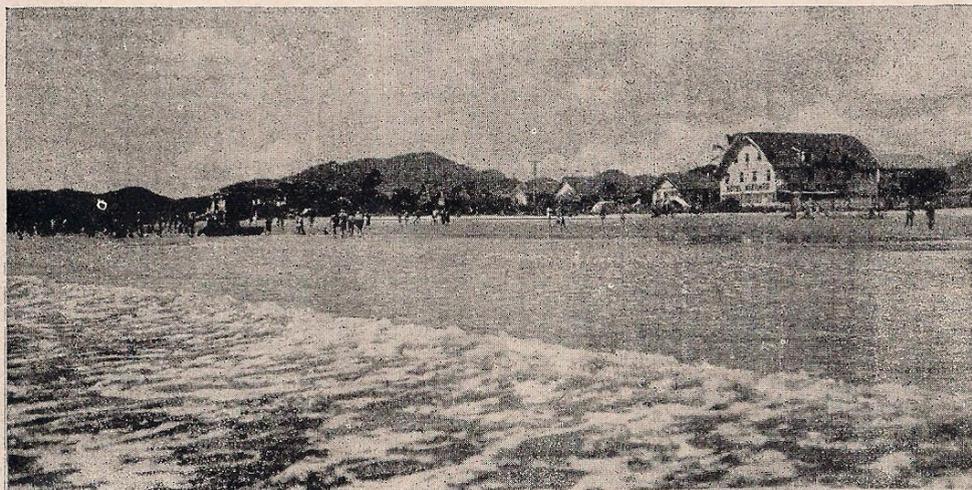
Moreira & Werner: — Praia - Itajaí — 1 viagem diária

Auto Viação Catarinense: — Praia - Itajaí - Blumenau — 1 viagem diária

Expresso Brusquense: — Praia - Itajaí - Brusque — 1 viagem diária.



Outro aspecto da praia



*Os morros ao longe são um gracioso
complemento à beleza
panorâmica da praia.*



Turismo de inverno

O clima ameno de Camboriú que, mesmo no inverno, não atinge baixa temperatura, faz com que nos meses de junho e julho haja grande afluência de turistas à Praia.

São geralmente habitantes das zonas altas que procuram refúgio no moderado inverno litorâneo. Os curitibanos lideram êsse turismo de inverno.

De qualquer parte do Brasil

VOCE poderá vir a Camboriú por avião, porque o AEROPORTO DE ITAJAÍ fica a dez quilômetros da Praia, com a qual se liga por ótima estrada de rodagem, e é servido por aviões diários das seguintes aerovias:

Viação Aérea Rio Grandense (Varig)

Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul

Transportes Aéreos Catarinenses (Tac).

A Praia de Camboriú dista:

6	quilômetros	da sede do Municipio
10	»	de Itajaí
65	»	de Blumenau
90	»	de Florianópolis
98	»	de Joinvile

Café sombreado

O município de Camboriú, onde ainda há grandes glebas de terras devolutas, é o maior produtor de café de Santa Catarina.

O famoso «café sombreado» de que tanto se fala e do qual já se disse ser o melhor do Brasil. Por Camboriú passam diariamente colonos que se dirigem ao norte do Paraná onde vão em busca de terra para café. Eles vão realmente atraídos por uma campanha publicitária hábilmente feita, porque no município de Camboriú por onde eles estão passando, há terras férteis, baratas e que produzem o excelente «café sombreado», a dez quilômetros do porto de embarque.

Repete-se aqui a história do ovo de marreca que, embora cientificamente provado ser superior ao ovo de galinha, não alcança o preço nem a procura deste. Porque a marreca não canta depois da postura...

População do município

Segundo o recenseamento de 1950: — 9.184 pessoas, das quais 1941 residem na sede do município.

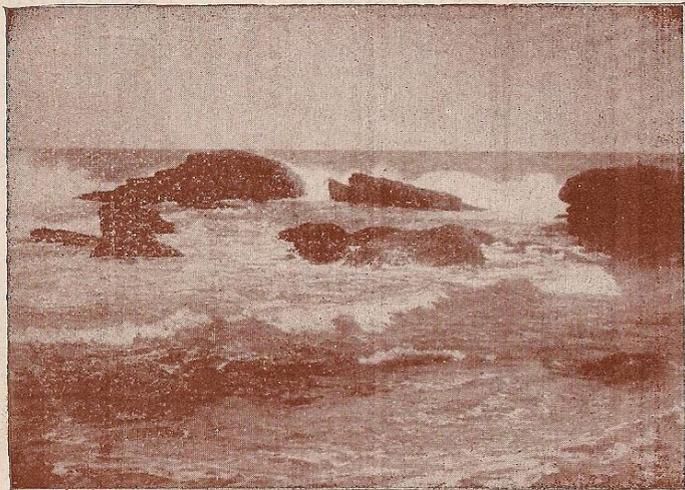
População da praia na época de veraneio: 3.000 pessoas aproximadamente.



IDÍLIO . . .

Na Prainha... Numa tarde de sol...

(Não! Ele não é Johnny Weissmuler! *E' um cadete*)



« ... e, erguendo o dorso altivo, sacudia
a branca espuma para o céu sereno ».

Administração do Município de Camboriú:

FRANCISCO BARRETO

Prefeito Municipal

Câmara de Vereadores:

Acácio Bittencourt

Francisco Alípio dos Santos

Francisco Augusto do Prado

Gui Angelino Vieira

Laureano Bittencourt

Luiz Vieira dos Santos

Pedro Saúl Júnior

Camboriú quer dizer...

São muito desencontradas as opiniões a cerca da origem do topônimo CAMBORIÚ. **Teodoro Sampaio aventa duas hipóteses:**

- Cambi - Leite
- r - Letra intercalada
- i - Rio
- u - Redução de açú ou guaçu = grande.

Por esta variante a palavra que originariamente se pronunciaria Cambi-i-ú, significaria «Rio Grande do Leite».

A outra hipótese do mesmo estudioso é esta:

- Camurí - Robalo
- U ou i - Rio

«Rio do Robalo».

Martius sugere que o nome provenha de Cambi=Leite -|- ri = mel -|- u ou i = água. «Rio do leite e do mel».

Romântico, não há dúvida, mas pouco convincente...

Saint Hilaire propõe para o topônimo «rio das camboas». Assim: Camboa -|- i = água -|- ú = grande. Aliás, este historiador em sua «Viagem à Província de Santa Catarina», datada de 1821, assinala a variante de «Cambriaçu» para o rio Camboriú.

«Camboa», segundo o «Pequeno Dicio-

nário Brasileiro da Língua Portuguesa» é um «esteiro que enche com o fluxo do mar e fica em seco com o refluxo».

Norberto Bachmann, autoridade em tupi guaraní, opina que Camboriú significa «Rio do cambuí», através de:

- Cambuí-arvore da família das mirtáceas
- r -Letra intercalada
- i -Rio
- u -de «açú» = grande.

Finalmente, a versão popular, segundo a qual a palavra Camboriú teria aparecido da seguinte maneira:

Havia na praia um morador português a quem os viajantes consultavam onde morava um certo cidadão, que era estabelecido com a sua engenhoca de farinha numa curva do rio (que àquele tempo não possuía nome, certamente). E a cada indagação, o português respondia:

—«É onde **camb'u rio**».

Na sua meia língua, queria dizer que era na curva do rio, ou «onde cambia o rio».

E daí o tempo se encarregou de dar-lhe a forma atual.

Meras suposições que o leilão aceitará se quiser, na certeza de que, em matéria de toponímia indígena, o adágio deve ser entendido pelo avesso: «da discussão, nasce a confusão».

São dos registros da Prefeitura Municipal de Camboriú:

Na Praia:

Casas residenciais 620

	{	1948	41
Construções requeridas nos últimos quatro anos:		1949	59
		1950	68
		1951	71

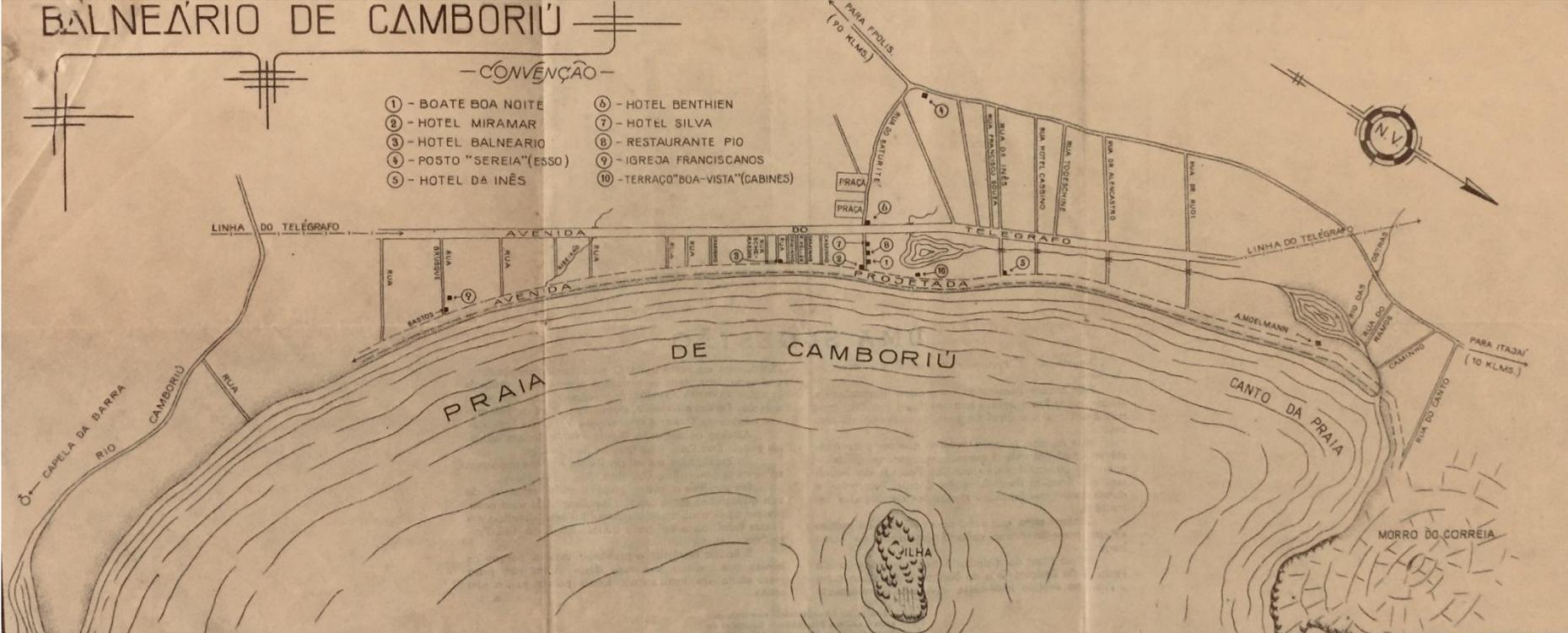
Casas de Negócio:	13		Padarias:	2
Bares:	6		Hoteis:	6
Barbearias:	2		Boate:	1
Açougues:	2		Sorveterias:	4
			Posto de gasolina:	1

Preço médio dos terrenos com frente para o mar:
Cr\$ 6.000,00 o metro linear

BALNEÁRIO DE CAMBORIÚ

- CONVENÇÃO -

- | | |
|---------------------------|-----------------------------------|
| ① - BOATE BOA NOITE | ⑥ - HOTEL BENTHIEN |
| ② - HOTEL MIRAMAR | ⑦ - HOTEL SILVA |
| ③ - HOTEL BALNEARIO | ⑧ - RESTAURANTE PIO |
| ④ - POSTO "SEREIA" (ESSO) | ⑨ - IGREJA FRANCISCANOS |
| ⑤ - HOTEL DA INÊS | ⑩ - TERRAÇO "BOA-VISTA" (CABINES) |



CAPELA DA BARRA
RIO CAMBORIÚ

LINHA DO TELEGRAFO

AVENIDA

PRAIA DE CAMBORIÚ

TELEGRAFO

LINHA DO TELEGRAFO

CANTO DA PRAIA

MORRO DO CORREIA

PARA FLOIS
(90 KILMS.)

PARA ITAJAI
(10 KILMS.)



UMA SUGESTÃO

Sugestão ao sr. Prefeito e Vereadores municipais de Camboriú:

Pelo grande número de «entradas», «caminhos» e «ruas» que a Praia possui torna-se difícil localizar uma residência que não fique na parte mais central do balneário.

Mas há uma solução moderna que me parece resolveria perfeitamente a questão, sem recorrer às denominações passadistas de «Rua Cel. Fabricio do Nascimento», «Avenida Desembargador Ottoniel Pentecado» e outros nomes que lembram medalhões de bigodes retorcidos...

Consiste nisto, que seria uma imitação do prático sistema norte-americano, aplicado à cidade de Nova Iorque:

Há na Praia de Camboriú três avenidas: a da Praia, a do Telégrafo e a do Batuíte. Esta última corta a Praia no sentido leste-este, dividindo o arruamento

já existente em norte e sul. O meu sistema de localização seria denominar as avenidas por números ordinais ímpares: Primeira Avenida, que seria a que margeará a Praia; Terceira Avenida, que seria a actual do Telégrafo e, finalmente, Quinta Avenida, para a «Rua do Batuíte».

As ruas ao norte da Quinta Avenida teriam números pares: Rua Dois, Rua Quatro, Rua Dez, etc.

As localizadas ao sul da Quinta Avenida tomariam números ímpares: Rua Um, Rua Cinco, Rua Nove...

Por sua vez a praia (cuja grande extensão de seis quilómetros torna difícil a localização de uma casa, mesmo após a abertura da Avenida) seria dividida em Postos localizados em cada quilómetro: Posto Um, Posto Dois...

E ficaria resolvido o problema, mesmo porque os nomes que constam nas ruas deste mapa são para mero efeito de localização: foram postos por minha conta...
S. J.

Este mapa foi organizado especialmente para o «Album Fotográfico - Descritivo da Praia de Camboriú» pelo Sr. Waldir Silva e litografado na «Gráfica 43» de Blumenau.



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho Costa Brava - Por Mariana Schlickmann

O cartão postal da cidade, carro chefe do turismo, sempre foi a Praia Central de Balneário Camboriú. Mas as praias agrestes que são Laranjeiras, Taquaras, Taquarinhas, Pinho, Estaleiro e Estaleirinho, passam agora por um boom de turismo e especulação imobiliária.

A estrada de acesso às praias, conhecida antigamente como Estrada Panorâmica, só foi aberta em 1964. Os moradores trabalharam na obra em troca de desconto de impostos. O caminho era de chão batido até os anos 2000, quando a Interpraias foi asfaltada e urbanizada. A energia elétrica só chegou às praias em 1988.

As praias possuem ainda uma natureza exuberante e um mar límpido, reconhecido nacionalmente através da certificação da bandeira azul. Junto com o Bairro da Barra, trazem um contraste a modernidade, tecnologia e dinamismo da praia central.

O espaço que cresceu como um lugar de pesca e agricultura, hoje busca o equilíbrio entre o turismo, exploração e preservação.



Figura 1 Interpraias, ao fundo Praia do Estaleiro ano 1980. Fonte: AHBC

LARANJEIRAS

Na praia de Laranjeiras há vestígios das primeiras populações a habitar o litoral, o Homem do Sambaqui. Escavações arqueológicas dos anos 1970 encontraram os 165 sepultamentos de Sambaquianos. O Sambaqui consiste em um amontoado de conchas marinhas, medindo até 30 m de altura e até alguns quilômetros de comprimento. Pelo que sabemos, os Sambaquianos, que são da nossa espécie, *Homo sapiens sapiens*, não viviam continuamente num só mesmo lugar: eles se estabeleciam em pontos com grande quantidade de alimentação, isto é, com fartura de pesca e abundância de conchas, mariscos, berbigões etc., como saídas de rios e proximidades de mangues. Os Sambaquianos pescavam muito, e com certeza possuíam redes e canoas.

Por ser a praia mais próxima da do Bairro da Barra, também servia como ponto de pesca e moradia de famílias de pescadores.



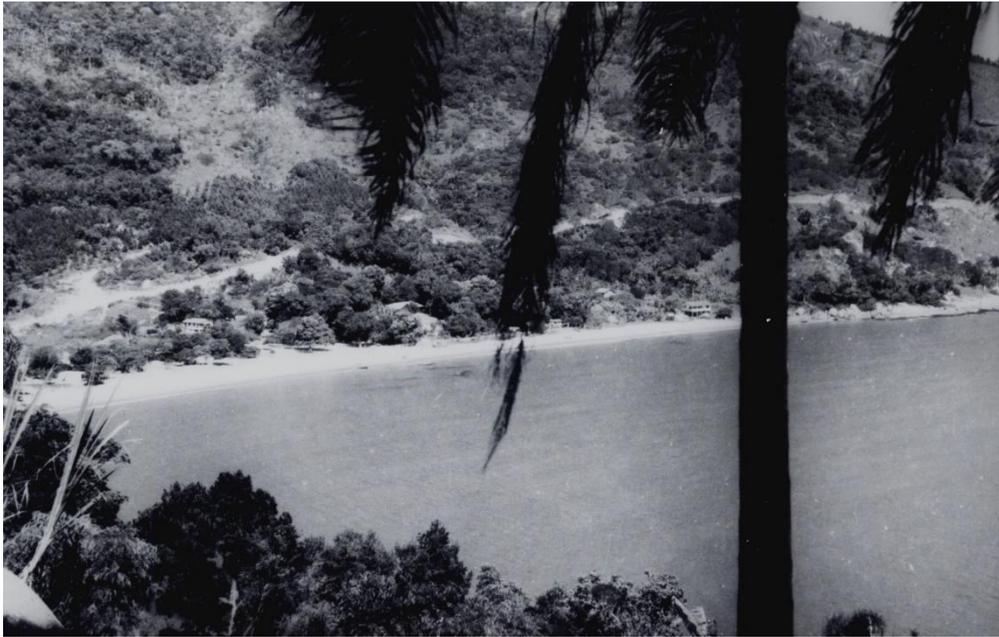


Figura 4 - Vista parcial da Praia de Laranjeiras, década de 1970. Fonte: AHBC

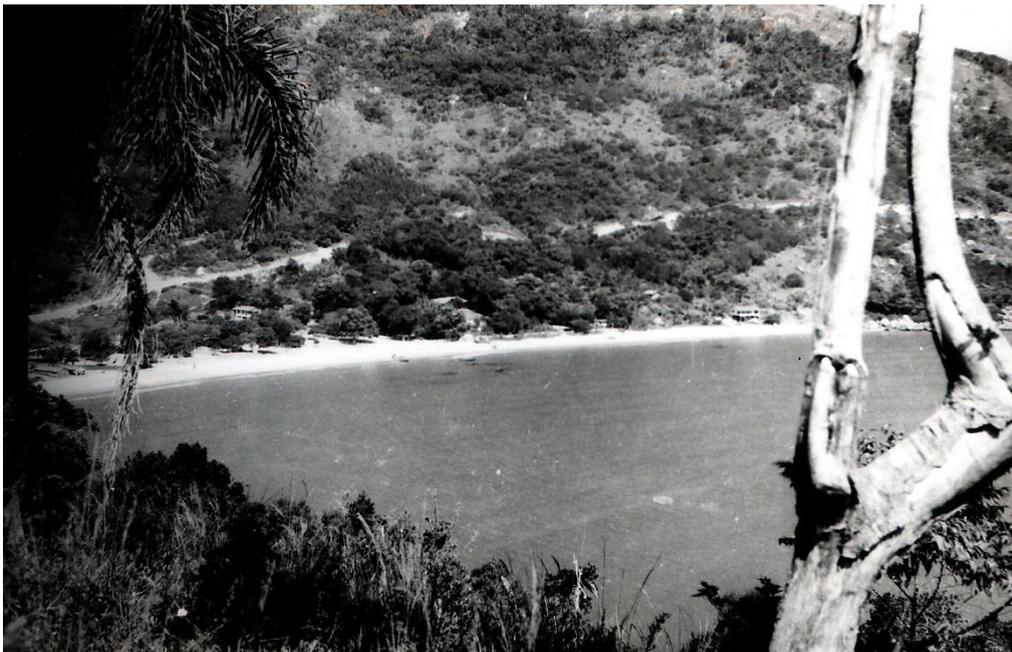


Figura 5 - Praia de

Laranjeiras - Década de 1970. Fonte: AHBC

TAQUARAS E TAQUARINHAS

O nome das duas praias tem origem indígena. O nome Tupi-Guarani remete à uma espécie de planta muito abundante na região, utilizada por indígenas na fabricação de cestos e peneiras. Um antigo morador conta que vinha gente Bombinhas, de lancha, para tirar ‘taquaras’, que é tipo um bambu, que havia bem na beira da praia. O miolo da planta é flexível, perfeito para o cesto de farinha.

Taquarinhas é a única praia não habitada da cidade, e seu destino e provável venda já foi judicializado.

Taquaras é habitada há cerca de 130 anos. A família Rocha constituiu o primeiro núcleo de moradores, vindo de Portugal. Eles pararam em Porto Belo e compraram a praia inteira. Posteriormente foram vendendo em lotes menores.

Taquaras possui o último engenho de farinha de mandioca ativo da Interpraias. Centenário já, funciona uma vez por ano. Como as famílias viviam da pesca e agricultura, o plantio da mandioca e depois sua transformação em farinha era essencial para subsistência das famílias e para o comércio local.



PINHO

Hoje conhecida nacionalmente como uma praia de naturismo, até os anos 1980 era uma praia também de pescadores, habitada por Domingos Fonseca e sua família. Pela privacidade da praia, o nudismo começou ali de forma clandestina, com prisões, batidas policiais e protestos. O Pinho foi a primeira praia do Brasil a oficializar a prática de naturismo, em 1986. Este pioneirismo a tornou famosa em todo o País e ajudou a divulgar Balneário Camboriú. Antes de se tornar oficial, o reduto já vinha se consolidando como praia de nudismo, conforme mostra o documento,



Praia do Pinho: o paraíso do nudismo

A minúscula praia do Pinho perdida entre gigantescas pedras e deslumbrante verde das matas que a rodeiam, entra no ano de 1984, como uma das mais comentadas praias do litoral de Balneário Camboriú. Com apenas cem metros de extensão de areia, a praia do Pinho saiu do anonimato pelos frequentes topless e botomless verificados em suas areias.

O "paraíso do nudismo", como já está sendo chamada, é completamente deserta rodeada de pedras

de grande porte, entre as praias de Taquaras e Estaleiro. Suas ondas são de porte mediano, oferecendo amplas condições de um bom banho "a vontade".

Por ser muito pequena e de difícil acesso, a praia do Pinho, não é para qualquer um. Os seus frequentadores são selecionados, pois só a frequente quem realmente a conhece. Para quem está conhecendo as praias pertencentes a Balneário Camboriú e passa pela estrada panorâmica, é preciso observar muito bem.

Caso contrário, não irá notar a praia da moda em Balneário Camboriú.

ACESSO

É pela estrada panorâmica que se chega a praia do Pinho. No sentido norte-sul, segue pela barra, passando pelas praias de Laranjeiras e Taquaras. No morro que leva ao Estaleiro é que esta localizada a praia. Em dado momento ao lado da estrada é observada uma placa com os dizeres "entrada proibida". O terreno que dá acesso à praia do Pinho, na qual contém a placa, é de proprie-

dade de Domingos Fonseca, ex-prefeito de Balneário Camboriú. Para chegar a praia necessita-se de permissão para ultrapassar a propriedade.

O veranista poderá optar também pelo sentido sul-norte. Chegando a praia do Estaleiro, — entrada no topo do morro do Boi — segue-se o sentido norte pelo morro à esquerda do Estaleiro chegando à praia do Pinho. Para quem gosta de um divertimento ao natural é só chegar lá. E sem muitos apetrechos.

ESTALEIRO E ESTALEIRINHO

Ambas as praias, pelo nome, veem-se a tradição da pesca, pois eram locais que serviam de construção, refúgio e manutenção das embarcações dos pescadores. Ali extraíam madeira para a construção de barcos. O estaleiro maior, onde era serrada a maior parte da madeira, funcionava na Praia do Estaleiro, e quando faltava madeira ou peças, eram buscadas no Estaleirinho, contam os moradores locais.

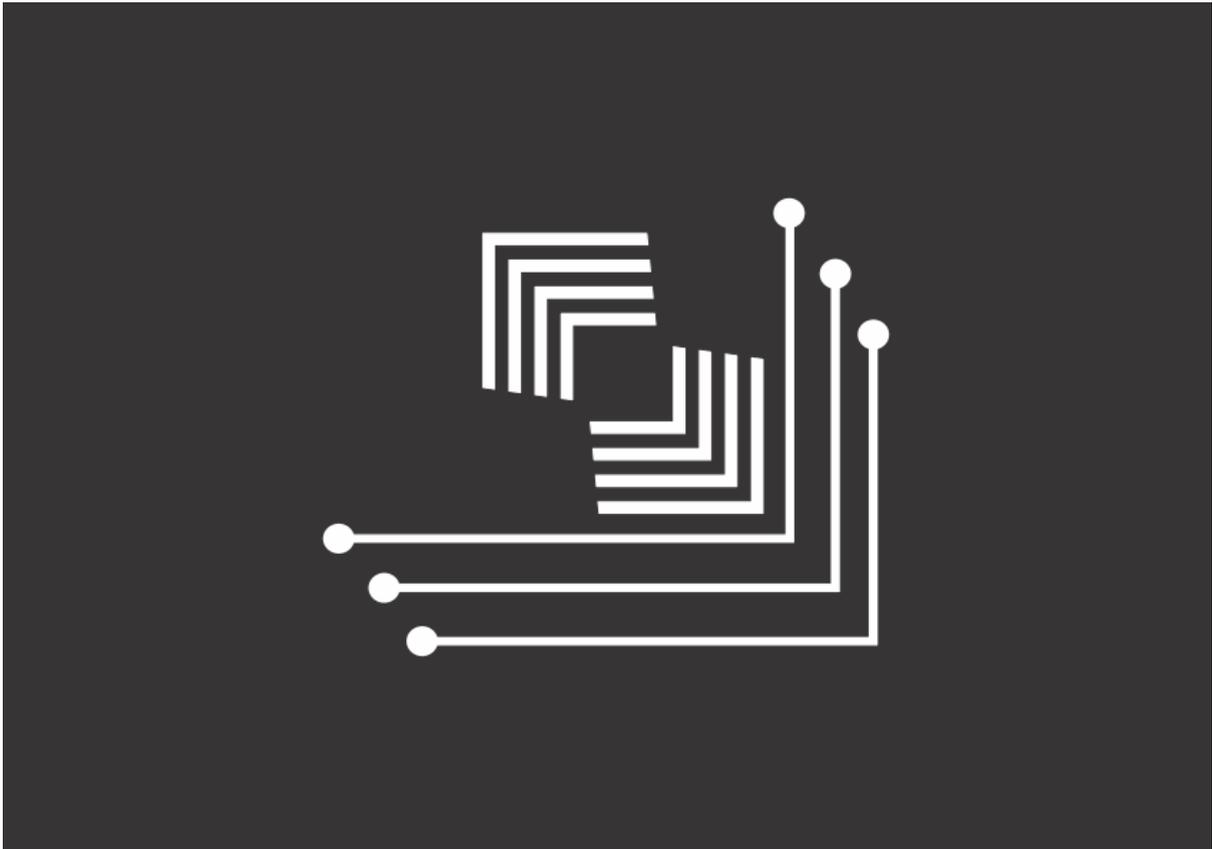
A praia de Estaleiro foi colonizada no ano de 1758, pelos navegadores luso açorianos, Tomaz Pereira, e Luís José Vieira. Por estar perto do antigo acesso à Camboriú e perto de Itapema, tinha mais relações com estes locais do que com a Barra e Balneário Camboriú em si até a abertura da Estrada Panorâmica nos anos 1960.



Figura 9 Estaleirinho, década de 1970. Fonte: AHBC



Figura 10 - Vista parcial Praia do Estaleiro, década de 1990



PROJETO JANELAS DA MEMÓRIA

Trecho A cidade do futuro - Por Mariana Schlickmann

A) Novas histórias - A cidade que a gente quer, que a gente acredita

B) Respeito aos povos, a nossa história

Muitas pessoas criticam que Balneário Camboriú não possui identidade cultural. É preferível pensar este conceito através das identificações, ao invés de identidade, pois é um termo mais flexível, já que ao longo de nossas vidas o conjunto de experiências que vivenciamos faz com que a identidade não seja plenamente estável/unificada. Nós mudamos constantemente, por conseguinte, nossos referenciais identitários também. A identificação é um processo em contínua transformação, não usa essência engessada.

Assim, Balneário Camboriú possui diversas identificações, o que combina com seu caráter cosmopolita. Ela é a cidade dos arranha-céus e dos restaurantes badalados. Ao mesmo tempo, é dos pescadores, dos grupos de excursões e dos imigrantes que vêm em busca de um futuro melhor. É a cidade da vida noturna agitada e das praias agrestes quase intocadas. Ela é tudo ao mesmo tempo e, acima de tudo, é multicultural. É o berço da ancestralidade indígena, dos descendentes de portugueses, alemães, italianos e de africanos. Ela é dos turistas, veranistas, de quem é nativo e de todos os apaixonados que a escolheram para viver.



Figura 41689 - Vista geral da Praia Central, década de 1990. Fonte: AHBC

C) O que nos faz únicos

Olhando para a história da cidade, podemos ver que ela se tornou o que é hoje muito pelo espírito visionário dos primeiros moradores. Aqueles que apostaram, quando da emancipação de Camboriú e divisão do território, que valia mais a pena ficar com as praias agrestes do que ter zona rural. Os que brigaram, em 1979, para a cidade ser uma das únicas oito do estado autorizadas a abrir os postos de gasolina aos domingos, o que teve impacto direto no turismo e no comércio local, pois as pessoas poderiam assim se deslocar para passear tranquilamente nas cidades turísticas sem se preocupar com a quantidade de combustível no tanque do automóvel. Os que arriscaram na cultura e abriram um cinema, ou vislumbraram o turismo e criaram as primeiras hospedarias, lá na década de 1920 ainda, e os primeiros hotéis. Quem viu a possibilidade de a construção civil ser uma fonte de renda além do turismo. Os que ainda hoje lutam para preservar a pesca artesanal, salvar o canal do Marambaia, controlar a ocupação desenfreada... O que nos torna únicos são as famílias caiçaras que estão aqui desde sempre, os que vieram de longe e apostaram todo seu futuro no da cidade. As pessoas que se dedicaram ao serviço público e ao privado, os turistas, os veranistas, os moradores. Enfim, as pessoas em si a sua receptividade, afinal, a cidade é feita de pessoas.



Figura 1 1690 - Vista geral da praia e da Avenida Brasil, década de 1960. Fonte: AHBC



Figura 2: 1688 - Vista geral da praia, foto tirada da cobertura do Edifício Kennedy, do apartamento de Avelino Batista, década de 1970. Fonte: AHBC



Figura 3 Vista Panorâmica da cidade, 1970